

Fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes. Conjuntos e problemas de entendimento e interpretação¹

Eduardo Natalino dos Santos

Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo

Resumo

O artigo apresenta alguns dos principais conjuntos de *fontes históricas nativas* da Mesoamérica e Andes – compostos por representações figurativas e escritas produzidas em tempos pré-hispânicos e coloniais – para refletir sobre problemas de entendimento e interpretação a eles relacionados. O objetivo central não é constituir um catálogo ou manual que abranja todos os registros que poderiam se abrigar sob tal denominação, mas apenas propor um exercício de tipologia por meio de casos exemplares e com base em problemas de análise que são comuns a esses conjuntos de fontes.

Palavras-chave

Fontes históricas pré-hispânicas; fontes históricas coloniais nativas; escritos mesoamericanos; escritos andinos; códices mesoamericanos; quipos.

Abstract

This article deals with some of the principal groups of *native historical sources* from Mesoamerica and the Andes – constituted by figurative and written representations composed in pre-Hispanic and colonial times – in order to reflect on questions concerning their understanding and interpretation. The central aim of the article is not to offer a catalogue or handbook that embraces all the possible sources under such a denomination, but to propose an exercise in classification through exemplary cases based on research questions that are common in the analysis of these groups of sources.

Key-words

Pre-Hispanic historical sources; colonial native historical sources; Mesoamerican writings; Andean writings; Mesoamerican codices; quipus.

Introdução

Alguns dos maiores conjuntos de representações figurativas produzidos por populações nativas americanas, tanto na época pré-hispânica quanto colonial, procedem das macro-regiões histórico-culturais denominadas Mesoamérica e Andes. São milhares de

1. As reflexões iniciais que levaram à confecção deste artigo foram apresentadas no simpósio temático *Os índios na história: fontes e problemas*, coordenado por Maria Regina Celestino de Almeida e John Manuel Monteiro. Esse simpósio foi parte do *XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos*, realizado em São Leopoldo/RS, em julho de 2007, e promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH).

imagens, produzidas com as mais diversas técnicas e sobre suportes materiais variados, entre as quais estão as pinturas murais, as esculturas e relevos em pedra, madeira, osso, concha, metal, gesso ou barro, os mosaicos de pedra e pena, as cerâmicas mono ou policromas e os tecidos de lã, algodão e outras fibras vegetais. Além desse enorme conjunto de representações figurativas², foram produzidos, também em tempos pré-hispânicos e coloniais, registros escritos *pictoglíficos*³ na Mesoamérica – como os códices – e registros numérico-categóricos na região andina – como os quipos.

Em tempos coloniais, além da continuidade decrescente da produção de representações figurativas e de registros escritos e numérico-categóricos, a participação de indígenas em instituições de origem européia – como os *cabildos* e as missões religiosas – possibilitou que uma quantidade copiosa de escritos alfabéticos fosse diretamente confeccionada por eles. Ou, ainda, que esses indígenas interviessem de forma mais ou menos vigorosa, dependendo de cada caso, em escritos produzidos por europeus na América. Ademais, muitos indígenas, sobretudo membros ou descendentes das antigas elites dirigentes, utilizaram a escrita alfabética de maneira relativamente autônoma dessas instituições para produzir textos próprios ou para transcrever antigos relatos e registros nativos.

Uma parte significativa dessas representações figurativas e registros escritos – pré-hispânicos ou coloniais – possui a própria história nativa por temática central. São auto-representações que tratam primordialmente do passado e que, em geral, foram produzidas por ou são tributárias de *tradições locais de pensamento*, ou seja, de organizações, grupos, instituições ou indivíduos que se dedicavam de modo sistemático, mas não necessariamente exclusivo, à construção, manutenção, transformação e veiculação de explicações socialmente aceitas, as quais poderiam incluir desde as origens e funcionamento do Mundo até a história local recente.⁴ Podemos chamar esse grupo de representações e registros sobre o próprio passado de *fontes históricas nativas* mesoamericanas e andinas. Esse conceito aparece, quase como o empregaremos, em algumas das mais importantes obras de referência para o estudo das fontes mesoamericanas – como o *Handbook of Middle American Indians*, vol. 14 e 15⁵ – e andinas – como *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. South America*, vol. III, parte 1.⁶

2. Essa relativa abundância se deve, entre outros, aos seguintes fatores: o denso povoamento nativo dessas macro-regiões; o emprego, em larga escala, de materiais duráveis na construção de centros político-cerimoniais e cidades e na confecção de objetos; a existência de tradições acadêmicas de estudo voltadas para essas regiões desde o século XIX; a presença de condições climáticas favoráveis à conservação de materiais perecíveis em boa parte dessas duas macro-regiões.

3. Embora seja um neologismo, prefiro o termo *pictoglífico* a *pictográfico* por evocar explicitamente a combinação entre elementos *pictóricos* e *glíficos*, uma das principais características tanto do sistema de escrita mixteco-nahua quanto do maia, dois dos mais importantes e estudados sistemas mesoamericanos.

4. Tratamos das principais características das tradições de pensamento inca e nahua, bem como de suas transformações no início do Período Colonial, em: SANTOS, Eduardo Natalino dos. As tradições históricas indígenas diante da conquista e colonização da América: transformações e continuidades entre nahuas e incas. In: *Revista de História. Departamento de História, FFLCH-USP*. São Paulo: Humanitas & Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, n.º. 150, pp. 157-207, 1.º semestre de 2004.

5. No caso do *Handbook of Middle American Indians*, as fontes históricas nativas são um subgrupo das chamadas fontes etnohistóricas (*ethnohistorical sources*), conjunto mais amplo que inclui todos os escritos pictoglíficos – pré-hispânicos ou coloniais – e alfabéticos que informam de modo abundantemente sobre quaisquer aspectos das sociedades indígenas e que tenham alguma relação com as tradições históricas nativas (*native historical tradition*). Cf. CLINE, Howard F. (editor dos volumes). *Handbook of Middle American Indians – vol. 14-15*. Austin: University of Texas Press, 1975.

6. No caso de *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. South America*, concebe-se como fontes históricas nativas “...writings that contain native South American versions of the past...”. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In:

Dissemos que empregaremos tal conceito *quase* como aparecem em tais obras porque acreditamos ser importante para os estudos mesoamericanos e andinos incluir nele os conjuntos de registros figurativos – como as pinturas murais e cerâmicas, por exemplo, o que não é feito por essas obras. Pensamos que essa inclusão pode incentivar trabalhos interdisciplinares que empreguem esses tipos distintos de registro – normalmente analisados por estudiosos de áreas distintas, como são os historiadores e arqueólogos – para responder a problemas elaborados também de modo interdisciplinar. Talvez assim, ou somente assim, poderemos dar conta, de forma minimamente adequada, de apontar e construir caminhos promissores para a compreensão dos múltiplos e mutáveis significados e usos que todas essas fontes teriam em suas sociedades de origem.

Além dessa proposta de ampliação do conjunto de fontes históricas nativas, que passaria, portanto, a englobar também as representações figurativas que tratam centralmente do passado, apresentarei uma proposta de subdivisão desse conjunto ampliado. Tal subdivisão se fundamentou na existência de problemas específicos de entendimento e interpretação que perpassam certos grupos de registros. Por sua vez, esses problemas definidores de grupos derivam de características compartilhadas por certos registros, entre as quais merecem destaque a época de produção (pré-hispânica ou colonial), a região de confecção (Mesoamérica ou Andes) ou o tipo de registro (figurativo ou escrito). Entrecruzando esses critérios, é possível obter os seguintes grupos no interior do conjunto das *fontes históricas nativas da Mesoamérica e Andes*: I – *Fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura⁷ ampla*; II – *Fontes históricas pré-hispânicas escritas ou de leitura estrita*; III – *Fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos e pictográficos*.

Essa proposta não é totalmente inovadora, pois, como mencionamos, ela coincide e se baseia parcialmente em propostas presentes em outras obras. No entanto, talvez ela contribua para colocar em contato tipos de fontes que, embora possuam muitos elementos em comum, tais como a temática ou a produção e uso por um mesmo estrato social, vêm sendo analisados separadamente por estudiosos de diferentes áreas. A proposta, tampouco, dá conta de todos os grupos que poderiam ser formados no interior do conjunto das *fontes históricas nativas* – por exemplo, não iremos incluir as representações figurativas coloniais indígenas, tais como as pinturas, a não ser na medida em que sejam partes constituintes de códices pictográficos ou escritos alfabéticos coloniais. Isso porque a pretensão deste texto não é constituir um catálogo ou manual que abranja todos os registros que poderiam se abrigar sob tal denominação e nem todos os problemas de entendimento e interpretação a eles relacionados. A intenção é apenas propor um exercício de tipologia por meio de casos exemplares e com base em problemas de entendimento e interpretação comuns.⁸ Além disso, talvez o artigo contribua para apresentar aos interessados e estudiosos brasileiros um conjunto de fontes disponível e muito pouco utilizado em nossos cursos universitários e

SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19.

7. Empregaremos o termo *leitura* como sinônimo de reabilitação de informações e significados codificados por meio de qualquer sistema de registro, tanto dos que são denominados como *escritas* – que teriam convenções delimitadas de modo mais estrito – quanto dos que têm sido classificados como *representações figurativas* – sujeitos a um rol de convenções mais aberto.

8. Talvez sejam os problemas com os quais mais tenho me defrontado nas pesquisas que venho realizando e que empregam essas fontes históricas nativas como elementos centrais de análise. O objetivo central dessas pesquisas é entender as concepções de história e cosmogonia das elites dirigentes da Mesoamérica e Andes como construções sociopolíticas ativas, isto é, que envolviam, determinavam e eram determinadas por uma série de outros fenômenos, processos e instituições sociais, tais como a pertinência ou não de uma determinada versão histórica a um grupo conquistador ou o interesse de seus produtores na aquisição ou manutenção de determinados privilégios no interior de redes de alianças, inimizades e acordos políticos.

pesquisas acadêmicas sobre os povos indígenas, e que pode servir de contraponto às fontes castelhanas, as quais ainda são utilizadas de modo quase exclusivo em tais cursos e pesquisas.

I – Fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla

Com essa denominação pretendemos designar os registros nativos mesoamericanos e andinos produzidos em tempos pré-hispânicos, que tratam centralmente de representar conceitos e explicações sobre o passado e que, para isso, empregam critérios e convenções de codificação de significados mais “abertos” ou amplos do que os critérios e convenções utilizados nos sistemas de escrita – mesmo no sentido mais amplo deste termo. Em outras palavras, estamos nos referindo a toda uma gama de representações figurativas cuja leitura não se vinculava diretamente a um sistema de representação visual ou tátil do pensamento ou da fala com convenções, usos, lógica e gramática estabelecidos de modo relativamente estrito – em determinada sociedade ou fração social –, os quais garantiriam uma qualidade básica a qualquer sistema de escrita: a permanência e a reabilitação de significados relativamente bem determinados e socialmente compartilhados a partir da decodificação de seus registros.

Apesar disso, não se trata de propor que esses registros figurativos fossem alvos de leituras “livres”. Como em qualquer sociedade, no caso dos povos andinos e mesoamericanos, o universo visual possuía condicionantes que direcionavam seus entendimentos e usos, constituídos, principalmente, por um grande repertório de significados e pelas situações históricas concretas e cambiantes em que as imagens eram empregadas. Veremos que no caso dessas representações, os dois principais problemas são justamente a falta de evidências para entender esse repertório e essas situações, sobretudo no caso andino. Sendo assim, pensamos que manter a idéia que esse tipo de registro também deva ser entendido como passível de uma *leitura*, mesmo que pautada por convenções mais amplas do que as aplicadas a registros escritos, é útil para avançarmos em seu emprego como fontes históricas e evitar alguns equívocos, como procuraremos mostrar abaixo.

Andinas

Da região andina provém um universo quase imensurável de representações figurativas, produzidas em todos os períodos e horizontes de sua história, mas principalmente a partir do Período Cerâmico Inicial (com princípio entre 3000 e 1800 a.C. e com final em 1200 a.C.)⁹ e do Horizonte Formativo (1200 a 200 a.C.). Nesse Horizonte, observa-se uma das mais antigas manifestações de uma cultura supralocal ou de tendência pan-andina: a chamada cultura Chavín, que se desenvolve a partir dos departamentos peruanos de Ancash, Lima, Huánuco e adjacências. Nela, e nas culturas posteriores, as imagens serão produzidas em larga escala – sobretudo nas cerâmicas e tecidos – e terão funções políticas centrais, ocupando posições de destaque na arquitetura dos centros político-cerimoniais controlados pelas elites dirigentes – principalmente sob a forma de relevos.

Como mencionamos, nossa intenção é tratar apenas do que podemos chamar de *fontes históricas nativas* e, por isso, entre todas as representações, daremos prioridade às que possuem manifestadamente um caráter narrativo, isto é, que aparentemente codificam

9. Uma das representações figurativas mais antigas encontra-se em Kotosh, no Templo das Mãos Cruzadas, e dataria de aproximadamente 2500 a.C.

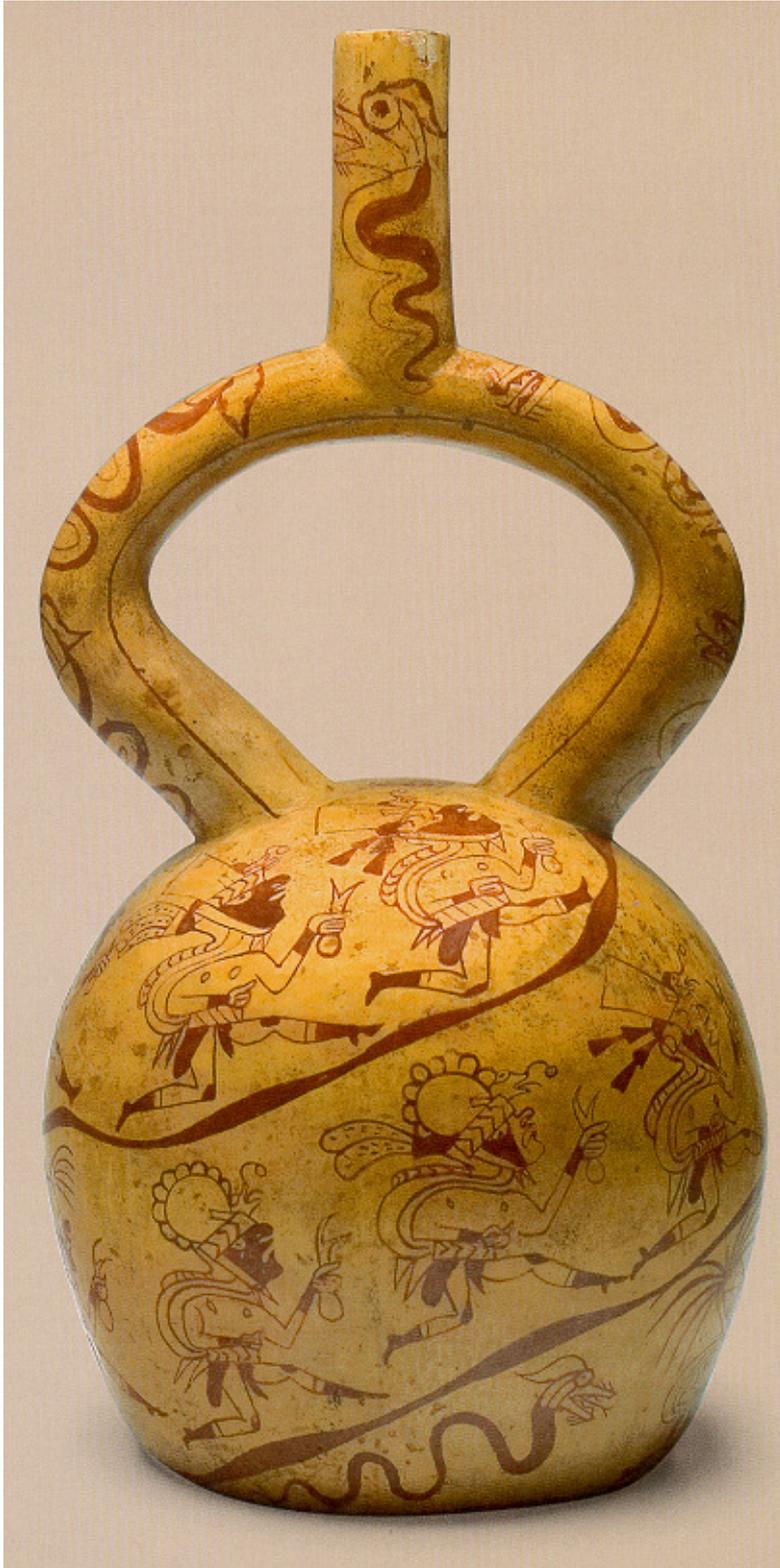


Figura 1: Vaso de alça-estribo mochica (1 – 800 d.C.). *Porti América. Arte pré-colombiana*. Curadoria Marcia Arcuri. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005. p. 254.

eventos ou personagens relacionados entre si, característica fundamental de praticamente todas as explicações sobre o passado – embora insuficiente para definir esse tipo de explicação.¹⁰

Entre as representações figurativas andinas pré-hispânicas, há algumas séries ou tipos de imagens que apresentam de maneira mais explícita essa índole narrativa. É o caso, por exemplo, da série formada pelos relevos em pedra do mosaico megalítico de Cerro Sechín (1200 a.C.), os quais representariam uma procissão que intercalaria homens armados com esquadrejados, mas cujo vínculo ou relação entre as cenas é de difícil estabelecimento. Além dessas séries, há referências coloniais sobre a existência de outros conjuntos de representações narrativas. Por exemplo, Cristóbal de Molina, *el cuzqueño*, cita pinturas que o Sapa Inca teria no Poquen Cancha – uma parte do Templo do Sol, próximo a Cuzco – sobre a vida e as conquistas de cada um de seus antecessores.

Talvez o conjunto mais famoso e estudado de representações figurativas com esse manifesto caráter narrativo é o constituído pelos vasos cerâmicos policromos produzidos

10. É claro que uma representação figurativa isolada, que apresenta uma organização mais sincrônica, também pode ser parte de uma série narrativa. No entanto, isso é muito difícil de ser detectado na maioria dos casos das representações figurativas andinas.

pelos mochicas, na costa norte do Peru, entre o início da era cristã e o ano 800 d.C. Tal caráter é construído por meio de representações pictóricas de cenas compostas por personagens, objetos e ações que se repetem, de modo parcial e modificado, em outras configurações ao longo da narrativa visual. Outro recurso empregado em alguns vasos é a disposição dessas cenas em faixas delimitadas por linhas, as quais, juntamente com a observação da disposição da parte frontal das personagens, podem fornecer indícios do sentido de leitura para as cenas: em geral de cima para baixo e contornando o vaso à maneira de uma escada em caracol, como podemos observar na **Figura 1**. Esse manifesto caráter narrativo-diacrônico das pinturas cerâmicas mochicas tem levado alguns estudiosos a chamá-las de *imagens legíveis*¹¹, denominação que nos parece apropriada por evidenciar a existência de uma característica fundamental para a compreensão desses registros figurativos: a observância de seu sentido de leitura e a relação de interdependência entre suas diversas cenas.

Essas pinturas sobre cerâmica apresentam, por um lado, sucessões de cenas que representariam eventos potencialmente históricos, como as que apresentam membros das elites dirigentes empreendendo batalhas, conquistas ou uma seqüência de atividades político-cerimoniais. Por outro lado, apresentam cenas de eventos que consideráramos menos críveis, como relações com deuses ou feijões tornando-se homens¹² – os quais, no entanto, poderiam ser vistos pelos mochicas como parte de seu passado. Não estamos pressupondo, ingenuamente, que as imagens da cerâmica mochica que remetem a episódios críveis possuam necessariamente uma relação de verossimilhança com o passado. Nosso foco de atenção prioritário neste artigo não será o problema da verossimilhança entre as explicações históricas nativas e os acontecimentos passados. Pretendemos apenas identificar fontes históricas nativas em potencial, para colocá-las em relação com outros grupos de registros e refletir acerca dos principais problemas de entendimento e de uso conjunto desses diversos tipos de registros, deixando, para outra ocasião, o problema da relação de verossimilhança entre essas informações e os acontecimentos – o qual, reconhecemos, é central para o entendimento das visões que os mesoamericanos e andinos possuíam sobre o passado, mas que justamente por isso necessitaria, pelo menos, de outro artigo para ser adequadamente tratado.¹³

De todos os modos, é muito difícil no caso da cerâmica mochica – assim como no dos relevos de Chavín – chegar a uma leitura ou interpretação mais ou menos consensual sobre os significados de tais representações. Um dos principais obstáculos é o modo descontextualizado pelo qual grande parte dessas peças – objetos de cobiça de

11. Ou *legible images*. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19-96.

12. Ou ainda sendo transportados por *chasquis* – mensageiros que cobriam grandes distâncias a pé – e, depois, observados por especialistas, como se fossem suportes de alguma mensagem cifrada. Essas representações levaram alguns estudiosos a propor que esses feijões da costa norte do Peru, grandes como favas e um dos alimentos mais antigos cultivados nessa região, fossem utilizados, depois de receberem certas marcas, como uma espécie de escrita. Entre esses estudiosos está Larco Hoyle. Cf. Kaufmann Doig, Federico. *Mochica, nazca, recuay en la arqueología peruana*. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1966.

13. Um artigo que realiza essa tarefa é: NAVARRETE LINARES, Federico. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. <www.flch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html> – consultado em 9/12/2000. Embora o autor trate centralmente das fontes mexicas, acreditamos que sua proposta – a saber, buscarmos uma postura analítica que ultrapasse a polaridade assimétrica *mito X história* e atinja uma análise simbólica das explicações indígenas sobre o passado que não invalide automaticamente seu caráter histórico – possa ser ampliada para muitos outros casos da América indígena.

coleccionadores e, conseqüentemente de saqueadores e traficantes – chega aos estudiosos, fazendo com que as informações que poderiam resultar da análise arqueológica de seu contexto sejam perdidas. Outras matrizes de discordâncias são a projeção retrospectiva de conceitos do mundo andino posterior para o caso mochica e as interpretações essencialistas, isto é, que atribuem significados fixos e universais a certas formas. Detalharemos mais esses problemas ao final desta primeira parte do artigo, depois de apresentar as fontes históricas pré-hispânicas figurativas provenientes da Mesoamérica, pois muitas delas estão sujeitas ao mesmo tipo de problema analítico.

Mesoamericanas

No caso da Mesoamérica, também temos um conjunto imenso de representações figurativas produzidas em todas as fases de sua história, principalmente a partir do início do Período Pré-clássico Médio (1200 a.C.). Vão desde os relevos, altares, estelas, esculturas e cabeças colossais olmecas (produzidos no I milênio a.C. e nos primeiros séculos da era cristã), passam pelas esculturas e estelas zapotecas e maias e pelos objetos figurativos e murais de Teotihuacan do Período Clássico (200 – 900 d.C.) e chegam até as esculturas, pinturas e relevos toltecas e tolteco-chichimecas do Período Pós-clássico (900 – 1521 d.C.).

Entretanto, há um grande diferencial para os estudiosos em relação ao caso andino: grande parte das representações figurativas mesoamericanas contém ou articula-se com representações da escrita pictográfica. Isso ocorre, por exemplo, desde os relevos zapotecas de San José Mogote e Monte Albán, considerados os mais antigos vestígios mesoamericanos do sistema de calendário e de escrita¹⁴, passando pelas pinturas murais maias, como as de Bonampak, e chegando até os monumentais gravados em pedra mexicas, como a Pedra do Sol ou a Pedra das Idades do Mundo de Moctezuma II.

Essa articulação proporciona indícios importantes para a leitura ampla dos elementos figurativos, pois temos, em muitos casos, uma espécie de texto acompanhando a imagem, o qual fornece um rol de informações mais precisas: antropônimos, topônimos, datas, ações, etc. Isso permite, em parte dos casos, sabermos se estamos diante de auto-representações sociais acerca do passado, isto é, do que estamos chamando de *fontes históricas nativas pré-hispânicas de leitura ampla*. Alguns dos conjuntos mais importantes de fontes pré-hispânicas mesoamericanas que se encaixam nessa delimitação são:

1 – As estelas olmecas e zapotecas produzidas entre meados do I milênio a.C. e os séculos II ou III d.C. – no caso das estelas zapotecas, esse produção avança pelo menos até o século VII ou VIII d.C. Grande parte dessas estelas apresenta uma característica básica em comum, que mencionamos acima e que está presente também nas estelas maias e nos códices mesoamericanos: a articulação direta entre escrita e figuração, isto é, entre glifos que remetem de modo mais estrito e bem estabelecido a um nome, conceito, idéia ou som da fala e representações figurativas que remeteriam a conjuntos de significados mais amplos, sujeitos, portanto, a leituras menos precisas – o que poderia ser uma vantagem sobre os escritos a depender do tipo de uso a que esses registros eram submetidos. É essa articulação que podemos observar na **Figura 2**, que reproduz a Estela 2 de Monte Albán (150 – 500 d.C.), na qual temos, em sua porção esquerda, uma personagem vestida com um traje de jaguar e aprisionada pelo pescoço e na direita uma seqüência de glifos dispostos em coluna.

14. Estamos nos referindo à estela conhecida como Monumento 3 de San José Mogote, que traz o Sr. Um Xoo sacrificado e que foi produzida por volta de 600 a.C., e às estelas 12 e 13 de Monte Albán (500 – 400 a.C.), consideradas por alguns como os textos mais antigos da Mesoamérica. Cf. MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth, and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992. pp. 38-39.



Figura 2: Estela 2 de Monte Albán (150 – 500 d.C.). FUENTE, Beatriz de la e outros. *La escultura prehispánica de Mesoamérica*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes & Jaca Book, 2003. p. 195.

2 – As pinturas murais de Teotihuacan produzidas entre os séculos IV e VII d.C., tais como as de Tepantitla e Tetitla. Nesse caso, podemos observar o mesmo tipo de articulação mencionada no anterior, mas com uma presença bastante minoritária de glifos ideográficos, antroponímicos e toponímicos, além de uma ausência quase absoluta de glifos calendários¹⁵, os quais abundam nos casos olmecas e zapotecas.

Nos dois casos – estelas olmecas e zapotecas e murais de Teotihuacan – há um problema em comum: a decifração bastante incompleta dos sistemas de escrita. Na verdade, no caso de Teotihuacan, a

presença minoritária de glifos ou o seu acentuado caráter pictórico, como podemos observar na **Figura 3**, que reproduz um fragmento dos murais mencionados com um glifo toponímico, tem gerado uma grande polêmica sobre a existência ou não de um sistema de escrita nessa cidade. Os defensores que tal sistema não teria existido alegam que nenhuma estela, semelhante às de Monte Albán ou das cidades maias, foi encontrada naquela cidade e que as representações visuais dos murais não são inquestionavelmente aceitas como contendo elementos que seriam parte de um sistema de escrita.¹⁶ Do outro lado estão os autores

15. Na língua portuguesa, a palavra *calendário* e suas variações de gênero e número podem ser substantivos ou adjetivos.

16. Os autores que usam uma definição mais estreita de escrita defendem que “...even though there is some limited use of glyphic notations as possible names, captions, or labels at Teotihuacán, I see less evidence for

que partem de uma concepção mais ampla de escrita, afirmando que muitos dos elementos que compõem as cenas e personagens – tomados apenas como signos iconográficos sujeitos a uma leitura mais ampla – são, também, glifos integrados a pinturas ou glifos que explicitam – isto é, que “exageram” propositalmente – seus fundamentos figurativos.¹⁷

De qualquer modo, devido à decifração limitada das escritas olmeca e zapoteca e



Figura 3: Fragmento de mural teotihuacano com glifo toponímico (300 – 600 d.C.). DUVERGER, Christian. *Mesoamérica. Arte y antropología*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes & Américo Arte Editores, 2000. p. 43.

político-cerimoniais maias do Período Clássico (200 – 900 d.C.) e Pós-clássico Inicial (900 – 1200 d.C.), entre os quais se destacam Tikal, Uaxactún, Piedras Negras e Quiriguá (Guatemala), Copán (Honduras), Yaxchilán, Palenque e Bonampak (Chiapas), Dzibilchaltún, Cobá, Labná, Kabah, Uxmal e Chichén Itzá (Iucatã). A grande maioria dessas representações figurativas apresenta-se, como mencionamos, articulada com

aos raros consensos sobre as pinturas teotihuacanas, a mencionada articulação entre representações figurativas e escritas não é de muito auxílio para determinarmos a temática grafada nesses registros, ao contrário do que ocorre, como veremos, no caso maia e mixteco-nahua. Sendo assim, é muito difícil dizer, de maneira inquestionável, quais registros olmecas, zapotecas e teotihuacanos possuem o passado como temática central. Apesar disso, alguns desses registros, como o conjunto de cerca de quarenta lajes com inscrições do Edifício J de Monte Albán, têm sido interpretados com certo consenso – e graças à semelhança com inscrições mixteco-nahuas e maias, que são mais bem compreendidas – como glifos de locais conquistados.¹⁸

3 – As pinturas murais e em cerâmica, os relevos em pedra e os painéis em gesso maias. Trata-se de um enorme conjunto formado por representações presentes nos mais de cem principais centros

true writing in Teotihuacán art...” MARCUS, Joyce. *Mesoamerican writing systems. Propaganda, myth, and history in four ancient civilizations*. Princeton: Princeton University Press, 1992. p. 17.

17. Esses autores afirmam que “...Teotihuacan indeed possessed a complex system of hieroglyphic writing, which appears not only on small portable objects but also in elaborate murals in many regions of the city.” TAUBE, Karl. *The writing system of ancient Teotihuacan*. Barnardville, N.C. & Washington D.C.: Center for Ancient American Studies, 2000 (Ancient America). p. 2.

18. Também há fortes indícios que o passado seja a temática central em outros registros zapotecas, como da Estela 2 de Monte Albán, na qual constam representações de datas e de um guerreiro aprisionado, o que é muito recorrente em murais e estelas maias.

elementos do sistema de escrita¹⁹ e com um importante diferencial em relação aos casos olmeca, zapoteca e teotihuacano: o alto nível de entendimento que os estudiosos possuem da escrita maia, construído principalmente a partir dos anos 1950.²⁰ Sendo assim, tem sido muito mais viável determinar quais dessas representações figurativas e textos tratam de episódios que estariam relacionados ao passado e perceber que há uma quantidade assombrosa de fontes históricas nativas maias.

Nessas fontes, os episódios são datados precisamente pelo sistema de calendário e suas personagens, em geral membros das elites dirigentes e seus antecessores, são nomeadas e têm suas ações descritas.²¹ É o que ocorre, por exemplo, no Dintel 24 de Yaxchilán, reproduzido na **Figura 4**. Nesse dintel temos a representação figurativa do soberano Itsam Balam (Escudo Jaguar) e de sua esposa principal realizando um auto-sacrifício no dia 28 de outubro de 709 d.C.²² Todas essas informações específicas sobre a cena são obtidas por meio da leitura dos glifos em alto-relevo que a acompanham. Elas permitem, por sua vez, uma leitura muito mais precisa e frutífera dos próprios elementos que compõem a cena figurativa, pois tornam possível que relacionemos, por exemplo, os atavios e objetos portados pelas duas personagens – ou a razão dimensional e a articulação posicional entre elas – a uma circunstância em específico, que era parte dos atributos e signos de poder das elites dirigentes maias do final do Período Clássico.

4 – Murais, relevos e gravados toltecas e tolteco-chichimecas do Período Pós-clássico (900 – 1521 d.C.). Trata-se de um conjunto muito amplo e caracterizado pela diversidade de procedência: são representações figurativas produzidas em várias partes da Mesoamérica ao longo deste período e que possuem em comum a vinculação com o domínio político de grupos étnico-culturais de origem extramesoamericana, chamados de toltecas ou tolteca-chichimecas, que parecem ter se aliado com ou substituído os grupos que dominavam os grandes centros urbanos e político-cerimoniais no Período Clássico, inclusive os grupos que mencionamos acima.²³

19. No caso da cerâmica pintada maia, há um grande conjunto de vasos que apresenta essa articulação de forma sistemática e muito semelhante à que se encontra nos códices. Esse tipo de peça tem sido chamado de vaso-códice. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices – Los antiguos libros del Nuevo Mundo*. México: Aguilar, 2003.

20. Alguns dos principais responsáveis por lançar as bases da decifração da escrita maia, isto é, por perceber que se tratava de um sistema misto – ideográfico-fonético – foram Yuri Knorozov, Heinrich Berlin e Tatiana Proskouriakoff. Cf. COE, Michael D. *El desciframiento de los glifos mayas*. Tradução Jorge Ferreira, 4a. reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 2001 (Sección de Obras de Antropología).

21. Como afirmamos anteriormente, não se trata de pressupor que tais registros tenham, como fundamento central, a busca do mesmo tipo de verossimilhança que é perseguida pela tradição histórica ocidental contemporânea. Casos em que as estelas associam datas propícias a eventos que sabidamente não ocorreram nelas são conhecidos. Por exemplo, uma das estelas do Templo 14 de Palenque, inaugurada em 6 de novembro de 705 d.C., trata da morte e da apoteose de Chan-Bahlum II, ocorrida, segundo outras fontes, em 702 d.C. Cf. SCHELE, Linda & FREIDEL, David. *A forest of kings. The untold story of the Ancient Maya*. Nova Iorque: Quill William Morrow, 1990. p. 219. Por outro lado, isso não invalida automaticamente toda e qualquer possível verossimilhança entre os registros e os eventos passados. É bastante consensual entre os mesoamericanistas, devido à coerência de dados obtidos em estudos arqueológicos e em fontes produzidas em épocas e locais distintos, que a grande maioria das datas e nomes de soberanos registrados nas estelas maias e relacionados ao Período Clássico é, segundo nossos critérios, verossímil.

22. Cf. COE, Michael D. & KERR, Justin. *The art of the maya scribe*. Londres: Thames and Hudson, 1997. p. 196.

23. Ou de antigos grupos mesoamericanos a eles vinculados, como, talvez, os maias de Chichén Itzá.



Figura 4: Soberano Itsam Balam ou Escudo Jaguar e sua esposa principal no Dintel 24 de Yaxchilán. COE, Michael D. & KERR, Justin. *The art of the maya scribe*. Londres: Thames and Hudson, 1997. p. 196.

Em grande parte dos casos, essas representações figurativas – sejam as produzidas na região de Oaxaca ou do altiplano central mexicano – possuem em comum a estreita

vinculação com o sistema de escrita mixteco-nahua, cujo entendimento, embora sujeito a polêmicas em alguns pontos, tem avançado de forma considerável e permitido, assim como no caso maia, análises relativamente precisas e frutíferas dessas representações. São os casos, por exemplo, dos frisos de Tula Xicocotitlan, dos relevos de Xochicalco ou dos murais de Cacaxtla. No entanto, há uma parte significativa das representações figurativas que não apresenta associação com signos escriturários. É o caso, por exemplo, de toda uma série de relevos em pedra e outros gravados mexicas, como a estátua de Coatlicue Mayor e a enorme laje onde está esculpida Coyolxauhqui esquartejada, nas quais praticamente não há elementos do sistema de escritura em articulação direta. Mas o estudo e análise dessas imagens têm se apoiado em escritos nahuas pré-hispânicos ou coloniais que tratam das mesmas personagens ou episódios nelas representados – e vinculados ao passado mexica – e, desse modo, têm obtido interpretações que superam as meras descrições.²⁴

Vimos que os registros componentes do conjunto de *fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla* apresentam situações diversas de análise e entendimento. De modo geral, talvez possamos dizer que as imagens mesoamericanas são atualmente mais bem compreendidas pelos estudiosos do que as andinas graças, sobretudo, ao auxílio de outro tipo de representação: os textos pictográficos. Apesar disso, pensamos que, tanto no caso mesoamericano quanto andino, a leitura e interpretação dessas fontes poderia avançar com a superação ou minoração de três grandes problemas, a saber:

1 – O desconhecimento do contexto de uso e produção de muitas dessas representações, sobretudo das portáteis, como cerâmicas pintadas, esculturas, pequenos gravados e outros. Como dissemos acima, esses objetos têm sido um dos principais alvos dos colecionadores, saqueadores e traficantes, cujas ações privam os arqueólogos de inferir informações dos contextos de origem dessas peças. Essas informações, juntamente com as provenientes de outros tipos de registros, como os escritos, são fundamentais para superarmos os estudos formais e estilísticos dos registros figurativos, pois os possíveis significados sociais das imagens não estão nelas próprias – em seus traços, cores ou composição física, embora muitas informações possam ser inferidas por meio da análise desses elementos –, mas eram construídos e modificados em seus usos específicos, aos quais temos um acesso mais detalhado e completo por meio de outros tipos de vestígio. A relação direta que existe nos casos mesoamericano e andino entre, por um lado, a eventual descontextualização das representações figurativas e a inexistência ou não-compreensão de fontes escritas a elas articuladas e, por outro, a conseqüente dificuldade de se obter avanços no entendimento dos usos e significados de tais representações confirma, entre outras coisas, a necessidade de outras fontes de informação, além das próprias imagens, para abordá-las historicamente ou empregá-las como evidências históricas.²⁵

24. As representações figurativas dos códices mesoamericanos pré-hispânicos também poderiam constar como parte deste grupo de fontes. No entanto, como os textos propriamente ditos – ou seja, as representações visuais formadas por seqüências de glifos, muitos dos quais incorporados ou indistinguíveis das representações figurativas – são predominantes nas páginas desses manuscritos, preferimos tratar deles na próxima parte do artigo.

25. O problema do uso das imagens como fontes históricas – isto é, como portadoras de indícios “inéditos” em relação a outros tipos de fontes e que podem esclarecer aspectos da história de sua sociedade produtora e consumidora que estão muito além das questões de autoria, estilo e supostos simbolismos universais – tem sido objeto de análise sistemática de alguns historiadores. Entre eles MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *Fontes iconográficas na pesquisa histórica*. Anotações de curso de pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2º. semestre de 2001./ BURKE, Peter. *Testemunha ocular. História e imagem*. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2004.

2 – Tendência de universalizar ou considerar como essenciais alguns usos ou significados dos objetos-suporte ou dos elementos formais das representações figurativas, subestimando os múltiplos valores que poderiam adquirir nas variadas situações e contextos em que eram empregados e, também, as distintas maneiras de apropriação social desses valores. Desde que as Ciências Humanas reviram o conceito de cultura e ele passou a designar não apenas o conjunto de artefatos herdados, bens, processos técnicos, idéias, hábitos e valores, mas também as dimensões simbólicas da ação social, com seus conflitos, incoerências e reproduções não-automáticas, há que se considerar que tudo o que é recebido, é recebido conforme a maneira do recebedor.²⁶ Considerando-se isso seriamente, temos como consequência – incômoda, mas necessária – a impossibilidade de encontrar sentidos fixos nos artefatos culturais, o que se tornou um grande problema para a História, a História da Arte e para a Arqueologia, entre outras disciplinas.

3 – A projeção retrospectiva de informações obtidas por meio da análise de fontes relacionadas a períodos mais recentes, principalmente das oriundas do primeiro século do contato, aos períodos longínquos da história da Mesoamérica e Andes. Qual a consistência histórica de interpretarmos os gravados em pedra da cultura Chavín com base nos dados do mundo inca? Ou de interpretarmos os relevos olmecas e as pinturas murais de Teotihuacan fundamentados em informações sobre os mexicas coloniais? Esses procedimentos – por vezes os únicos disponíveis ante o “silêncio” das representações figurativas²⁷ – têm servido como auxiliares para alguns avanços nos estudos das sociedades pré-incas e pré-mexicas. No entanto, talvez eles pressuponham a validade de dois conceitos insustentáveis no panorama atual de discussão teórica sobre o que é uma cultura e sobre o caráter plenamente histórico das sociedades indígenas, a saber: a universalidade do significado de formas idênticas ou semelhantes e a imutabilidade do mundo indígena.

II – Fontes históricas pré-hispânicas escritas ou de leitura estrita

Mencionamos no início da primeira parte deste artigo que empregariamos um conceito relativamente amplo de escrita, procurando abranger com ele qualquer sistema de representação visual ou táctil da fala ou de complexos ideológicos que se sirva de convenções, usos, lógicas e gramáticas estabelecidos de modo relativamente estrito, os quais garantiriam uma qualidade básica a tais sistemas: a permanência e a reabilitação de significados relativamente bem determinados e socialmente compartilhados a partir da decodificação de seus registros.

Apresentaremos, nesta parte, alguns grupos de representações visuais mesoamericanas que se enquadram nessa concepção de escrita e abordam, de modo central, a temática do passado de seus próprios produtores e usuários primários. Além disso, trataremos de um grupo de fontes andinas que também se encaixa nessa concepção de escrita, mas cujo possível conteúdo histórico de alguns registros é ainda motivo de

26. Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 (Antropologia Social).

27. Em um de seus belos contos, intitulado *Serpentes e Caveiras*, o escritor Ítalo Calvino reflete sobre duas posições analíticas extremas diante de representações figurativas cujas chaves de leitura e interpretação foram perdidas, posições que, segundo o escritor, devem ser evitadas. Num extremo estaria a rápida identificação dos possíveis significados que as representações teriam para seus produtores e usuários a partir do repertório de valores e conceitos do próprio observador moderno; no outro, a abstenção total e premeditada do observador de realizar qualquer inferência ou analogia, que focaliza então sua atenção apenas nos aspectos formais da representação. Cf. CALVINO, Ítalo. *Palomar*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

muita polêmica. Procuraremos mostrar que tratar esses grupos de fontes como *escritos* não é apenas uma questão de preferência terminológica, mas parte de uma abordagem que procura estabelecer princípios e pressupostos que ajudariam na análise de grupos inteiros de registros – tais como a existência de sentidos de leitura, de significados relativamente bem estabelecidos para suas unidades mínimas e de situações sociais específicas de leitura.²⁸

Quipos andinos

Entre os sistemas andinos de codificação de informação que poderiam inscrever-se numa definição ampla de escrita, os quipos têm sido os “candidatos” mais cotados, o que se deve, principalmente, à precisão dos significados reabilitados na leitura e a uma série de referências oriundas de fontes coloniais.²⁹

Os modelos mais simples de quipos são formados por um cordão horizontal principal, ao longo do qual estão atados cordéis verticais secundários de diferentes cores ou materiais, nos quais estão diferentes tipos de nós em distintas posições, como podemos observar na **Figura 5**. Há cerca de seiscentos exemplares de quipos sobreviventes – muitos deles pré-hispânicos –, sendo que aproximadamente metade se encontra no Museum Für Völkerkunde, em Berlim, e outros cem no American Museum of Natural History, em Nova Iorque.³⁰

Até onde sabemos com segurança – e essa advém principalmente do fato destes aparatos terem sido empregados pelo menos até as últimas décadas do século XX –, os quipos codificariam e permitiriam a reabilitação de dois tipos entrecruzados de informação: 1 – quantidades; registradas em unidades ou grupos decimais por meio de nós de distintos tipos e em distintas posições nos cordéis secundários;³¹ 2 – categorias; distinguíveis nas diferentes cores ou materiais dos cordéis ou pelas distintas posições relativas em que estavam atados ao cordão principal.

No entanto, há uma grande quantidade de quipos mais complexos: com cordéis duplos, triplos e superiores, além das diversas cores e materiais e dos diferentes tipos de nós.³² Muitos desses quipos, cerca de um terço do total dos conhecidos, não respondem aos

28. Tratamos desse problema de modo mais detalhado na tese de doutorado, mais especificamente em sua Introdução e Capítulo I. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Calendário, cosmografia e cosmogonia nos códices e textos nahuas do século XVI*. Tese de doutorado. Orientadora Janice Theodoro da Silva. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2005.

29. Os *tocapus* também têm sido sondados por alguns estudiosos como parte de um sistema de codificação de mensagens reabilitadas com precisão. Consistem em *trajes de trabalhos preciosos* usados pelos Incas e Coyas e que apresentam principalmente representações de caráter geométrico. A principal fonte histórica a dar sustentação a essa proposta é a obra de Guamán Poma de Ayala, *Nueva Corónica y buen gobierno*. Nela se retratam essas vestimentas por meio de desenhos que trazem, além dos tradicionais motivos geométricos, letras latinas e números hindu-arábicos, numa possível referência ao valor escriturário de tais motivos. Além disso, Guamán Poma menciona, em meio aos textos relacionados às imagens dos *tocapus* dos Incas e Coyas, a quantidade de fileiras em que tais motivos, letras e números aparecem e sua quantidade. Cf. GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Corónica y buen gobierno*. 3 tomos. Edição e prólogo Franklin Pease G. Y. Vocabulário e traduções Jan Szeminski. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (Sección de Obras de Historia). tomo I, pp. 62-114 ou 79-143 no manuscrito.

30. Cf. URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003. p. 11.

31. Vale notar que nos Andes predominou o sistema decimal, diferentemente da Mesoamérica e da maioria da América indígena, onde era utilizado o sistema numérico vigesimal.

32. O maior quipo conhecido, proveniente do norte do Chile, tem 1.404 cordões de dados. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 22.

princípios numérico-categóricos que mencionamos, o que contribui para a proposição que tal sistema também serviria para codificar outros tipos de informação, inclusive narrativas,

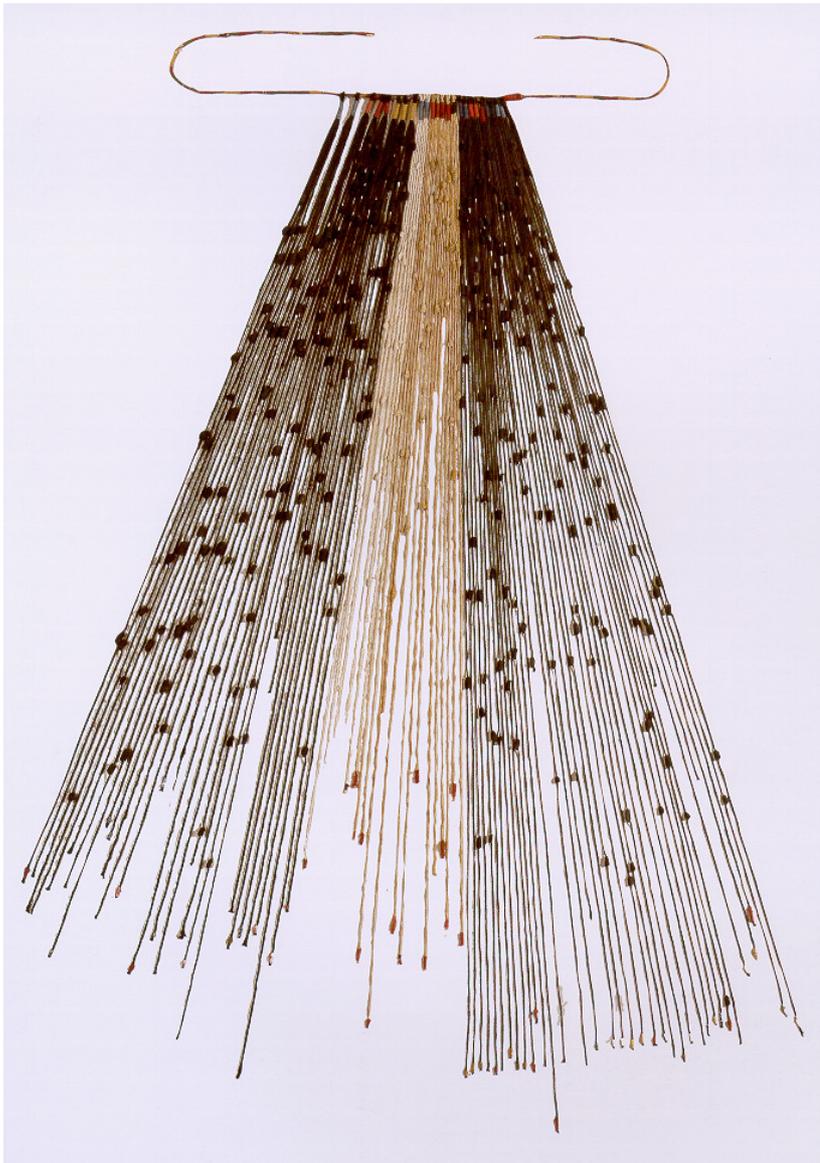


Figura 5: Quipo inca (séculos XV – XVI) com cordéis de cores distintas. *Por ti América. Arte pré-colombiana*. Curadoria Marcia Arcuri. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2005. p. 293.

embora não saibamos quais seriam as convenções e códigos nesse caso.³³

Mas o principal fundamento da hipótese que os quipos teriam uma dimensão narrativa são os testemunhos coloniais, segundo os quais esses aparatos têxteis serviam de base para relatos que dependiam de uma tradição oral articulada. Alguns destes testemunhos constam na *Nueva crónica y buen gobierno*, de Guamán Poma, na qual se afirma que os indígenas deveriam registrar seus pecados em quipos para lembrá-los durante a confissão: “*Que los dichos padres del santo sacramento de la confición mande exsaminar su anima y consencia una semana el dicho penitente aunque sea español y el yndio haga quipo de sus pecados.*”³⁴

Outro cronista, Pérez Bocanegra, reafirma, em

1631, essa função dos quipos: “*Para este efecto les mandan vayan atando ñudos en sus hilos que llaman Caitu, y son los pecados que les enseñan, los cuales parecen: añadiendo y poniendo en sus nudos otros, que jamás cometieron, mandándoles, y enseñándoles, a que*

33. Um dos estudiosos que acredita na existência dessa dimensão narrativa em parte dos quipos é URTON, Gary. *Quipu. Contar anudando en el imperio inka. Exposición julio 2003 – abril 2004*. Santiago: Museo Chileno de Arte Precolombino & Universidad de Harvard, 2003. Essa possibilidade é investigada também por ASCHER, Marcia & ASCHER, Robert. El quipu como language visible, e por MURRA, John V. Las etnocategorías de un khipu estatal. In: LECHTMAN, Heather & SOLDI, Ana María (org). *La tecnología en el mundo andino. Tomo I: subsistencia y mensuración*. 2ª. edição, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, pp. 407-432 e 434-442, respectivamente.

34. GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Crónica y buen gobierno*. 3 tomos. Edição e prólogo Franklin Pease G. Y. Vocabulário e traduções Jan Szeminski. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (Sección de Obras de Historia). tomo II, p. 498 ou pp. 616 [630] do manuscrito.

digam es pecado el que no lo es, y al contrario.”³⁵ Em ambos os casos, poderíamos pensar que os indígenas estariam registrando nos quipos apenas os tipos (categorias) e quantidade de pecados e que, desse modo, não se teria, nessas menções, elementos para afirmar que o sistema abrangeria outros tipos de informação, além das numéricas e categóricas. No entanto, Guamán Poma menciona o uso dos quipos como base para a composição de uma série de narrativas que constam em sua obra: “...juzgando por temeraria mi intención, no hallando sujeto en mi facultad para acabarla conforme a la que se debía a unas historias sin escritura ninguna no más de por los quipos y memorias y relaciones de los indios antiguos de muy viejos y viejas, sabios, testigos de vista...”³⁶

As afirmações de Guamán Poma são reforçadas por outros testemunhos coloniais, entre os quais estão escritos pertencentes a pleitos judiciais, segundo os quais quipos teriam sido apresentados e lidos como provas.³⁷ Além disso, outros indícios poderiam apontar para a existência de dimensões narrativas nos quipos, como a longa formação dos *quipucamayocs* incas, que duraria cerca de quatro anos em escolas especializadas em Cuzco, chamadas de *yacha huasi*, e a queima desses aparatos têxteis por religiosos e autoridades castelhanas no Período Colonial por conterem idolatrias.

De todas as formas, parece que esses testemunhos coloniais confirmariam pelo menos que além de os cordéis estarem organizados para representar uma seqüência de categorias quantificadas – por exemplo, um número “x” de homens, batatas, lhamas, sandálias, cerâmicas, carvão, pescado e etc. –, estas também estavam distribuídas em outra seqüência, de natureza talvez cronológica, pois ao que parece os *quipucamayocs* poderiam localizar essas categorias quantificadas no tempo – por exemplo, um número “x” de lhamas nascidas em tal época.³⁸

35. Apud MONTROYA ROJAS, Rodrigo. Historia, memoria y olvido en los Andes quechuas. In: *Revista Tempo Brasileiro – História: Memória e Esquecimento*. Direção Eduardo Portella. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, nº. 135, outubro/dezembro de 1998. p. 175.

36. Grifo meu. GUAMÁN POMA DE AYALA, Felipe. *Nueva Corónica y buen gobierno*. 3 tomos. Edição e prólogo Franklin Pease G. Y. Vocabulário e traduções Jan Szeminski. México: Fondo de Cultura Económica, 1993 (Sección de Obras de Historia). Tomo I, p. 13 ou p. 8 do manuscrito. Na obra de Guamán Poma, se mostra ainda que os *chasquis* – mensageiros no mundo inca – levavam os quipos como “cartas”. As ilustrações que retratam os *hatun chasqui* encontram-se nas páginas 348 [350] e 811 [825] do manuscrito. As imagens digitalizadas de toda a *Nueva corónica y buen gobierno* podem ser consultadas em <<http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>>

37. Por exemplo, os *quipucamayocs* aimarás, especialistas na confecção e leitura desses aparatos, teriam usado quipos em suas petições à administração colonial, recitando as genealogias. Cf. MURRA, John. As sociedades andinas anteriores a 1532. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: América Latina colonial, I*. Tradução Maria Clara Cescato. 2ª. edição, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo & Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1998. p. 81.

38. O que é confirmado por uma série de outros testemunhos coloniais: “*Los yndios desta tierra tienen cuenta y razon de las cosas que dan a sus señores (...) por quipos que ellos llaman y todo lo que han dado de mucho tiempo atras lo tienen asimismo en sus quipos. E saue este testigo que los dichos sus quipos son muy ciertos e verdaderos porque este testigo muchas y diversas veces ha cotejado algunas cuentas que ha tenido con yndios de las cosas que le han dado e le han debido e les ha dado e ha hallado que los quipos que tienen los dichos yndios eran muy ciertos ...*” Tal afirmação teria sido feita por Pedro de Alconchel em meio de um pleito judicial e foi publicada por Waldemar Espinoza Soriano em: Los huancas aliados de la conquista; tres informaciones inéditas sobre la participación indígena en la conquista del Perú, 1558, 1560 y 1561. In: *Anales Científicos de la Universidad del Centro 1*. Huancayo, 1971, 1972. Apud MURRA, John V. Las etnocategorías de un khipu estatal. In: LECHTMAN, Heather & SOLDI, Ana María (org.). *La tecnología en el mundo andino. Tomo I: subsistencia y mensuración*. 2a. edição, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, p. 433. Outro caso que confirmaria essa organização cronológica é mencionado por Frank Salomon, no pleito dos senhores de Hatun Xauxa à *Audiencia de los Reyes*, em 1561, para recuperar os bens dados e os serviços prestados como aliados às forças de Pizarro. Tudo teria sido registrado, até a última perdiz e par de sandálias, e lido 25 anos depois para ser cobrado. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: SALOMON, Frank &

No entanto, mesmo que se aceite que os quipos conteriam outros tipos de informação além das numéricas e categóricas, como informações históricas, é muito difícil para os estudiosos atuais as decodificarem, pois existem dois obstáculos que dificilmente serão superados. Por um lado, não há nenhum exemplar que sabidamente contenha esses outros tipos de informação e que possua uma espécie de tradução. Por outro lado, mesmo que um registro e sua suposta tradução venham a ser encontrados, é muito provável que as codificações das informações não-numéricas ou não-catóricas seguissem padrões variados segundo as inúmeras regiões ou escolas de *quipucamayocs* andinas e, dessa forma, seriam de pouca valia para a decodificação geral dos quipos que não respondem aos princípios numérico-catóricos.

No caso dos quipos, assim como no dos *tocapus*, *ceques* e *huacas*³⁹, parece que estamos diante de registros ou escritos tão distintos dos alfabéticos que os religiosos ou autoridades castelhanas não tiveram interesse em transcrevê-los ou traduzi-los, como ocorreu na Mesoamérica com os escritos pictográficos. As duas tradições de escrita e pensamento histórico – a cristã e as andinas, – eram tão diferentes e irredutíveis que as traduções foram virtualmente impossíveis.⁴⁰

Sendo assim, muitos dos quipos sobreviventes seriam potenciais *fontes históricas pré-hispânicas de leitura estrita* – caso seja correta a hipótese sobre o registro de informações narrativas acerca do passado nesses aparatos. No entanto, não entendemos o sistema a ponto de poder decodificar esse tipo de informação, o que nos dispensa de tratar dos outros tipos de problema, como o desconhecimento do contexto de produção e uso dos quipos que hoje se encontram em museus ou coleções particulares. Um panorama bem diferente envolve os escritos pictográficos mesoamericanos pré-hispânicos, como veremos a seguir.

Escritos pictográficos mesoamericanos

A produção de escritos que combinavam glifos fonéticos, logográficos e ideográficos com pinturas foi realizada por mais de dois mil anos na Mesoamérica. Os escritos pictográficos eram confeccionados sobre suportes materiais variados, tais como madeira, cerâmica, osso, pedra, estuque, tecido, pele animal e papel, produzido a partir da casca da figueira (papel *amate*), da fibra do agave (papel *maguey*) ou ainda de uma palma

SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 23. É claro que o assunto é objeto de polêmica e alguns dos mais respeitados conhecedores das fontes históricas andinas não aceitam essa hipótese. Entre eles, Franklin Pease: “...es sabido que los mismos (os *quipucamayocs*) se dedicaban a reunir y procesar información cuantitativa, no historias, relatos, leyendas o textos literarios.” PEASE G. Y., Franklin. *Las crónicas y los Andes*. Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú & México, Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 23. Expressão entre parêntese inserida por mim. Para Pease, apesar dos testemunhos coloniais, não possuímos nenhuma leitura, tradução ou versão colonial reconhecida e aceita dos supostos conteúdos não-numéricos dos quipos.

39. Os *ceques* eram linhas ou caminhos demarcados na paisagem por meio das *huacas*, algo material que manifesta *aquilo que não se vê* ou que possui um caráter de excepcional. As *huacas* poderiam ser pessoas vivas ou mortas (*malquis* ou corpos mumificados), grandes construções humanas, marcas de fronteiras (*saywa*), de caminhos (*apacita* ou pilhas de pedras que sinalizavam pontos críticos) ou elementos que se destacavam na paisagem (como montanhas proeminentes ou *apus*). Muitas delas se relacionavam com os antepassados, aos quais eram dedicados discursos e encenações sobre seus feitos, realizados durante procissões que percorriam os *ceques* onde suas *huacas* estariam dispostas. Dessa forma, os *ceques* e as *huacas* eram um meio de se fixar ou relacionar a lembrança dos antepassados e dos acontecimentos a eles vinculados à geografia local, acrescida de intervenções humanas.

40. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19-96.

chamada *iczoatl*. Tais escritos serviram a distintos objetivos e usos ao longo da história mesoamericana e entre seus principais temas estavam a cosmogonia, a história grupal, os feitos das elites dirigentes e suas linhagens, as guerras, conquistas e fundações de cidades, os prognósticos, as oferendas e os tributos.

Grande parte desses escritos, como vimos na primeira parte do artigo, trata de maneira central do passado de seus próprios produtores e usuários, principalmente nos seguintes grupos de fontes, onde se articulam com representações figurativas de leitura ampla: 1 – estelas olmecas e zapotecas; 2 – pinturas murais de Teotihuacan; 3 – pinturas murais, relevos em pedra, painéis em gesso e pinturas em cerâmica maias; 4 – murais, relevos e gravados toltecas e tolteco-chichimecas.

Não iremos tratar das representações escritas destes grupos de fontes históricas nativas nesta segunda parte, especialmente porque alguns dos principais problemas relacionados ao seu entendimento e interpretação são os mesmos que enunciámos ao tratar de suas representações figurativas: 1 – desconhecimento do contexto de produção e uso de muitos desses registros; 2 – tendência a universalizar ou essencializar os significados de determinadas representações, sejam figurativas ou escritas; 3 – projeção retrospectiva de informações mais recentes ou oriundas do primeiro século do contato a períodos muito anteriores. Além desses problemas gerais, mencionamos também a pequena compreensão que temos dos sistemas de escrita olmeca, zapoteca e teotihuacano, o que, logicamente, compromete o entendimento básico tanto das mensagens escritas quanto das representações figurativas a elas associadas.

Entretanto, há outros problemas relacionados com o entendimento dessas mensagens e sua articulação com as representações figurativas. Iremos tratar de alguns deles nesta e na próxima parte do artigo, ao apresentarmos um importante conjunto de explicações históricas nativas produzidas na Mesoamérica: as histórias contidas nos códices mixteco-nahuas pré-hispânicos e coloniais.

Os códices mixteco-nahuas são parte de um conjunto maior de escritos, chamados atualmente de códices mesoamericanos. Trata-se de escritos pictográficos produzidos sobre tecido, pele animal ou papel e que, em geral, eram enrolados como pergaminhos ou dobrados como biombos, sobretudo no caso dos confeccionados com papel ou pele. Eram chamados de *amoxtli* na língua nahuatl, termo que significa *papéis colados* ou *adereçados*⁴¹ e que no século XVI foi traduzido como *livro* pelos castelhanos.⁴² Uma das características pictóricas mais notória desses manuscritos é a presença de linhas de contorno grossas e negras, que formavam glifos e imagens cujas partes eram pintadas de cores distintas, porém uniformes, isto é, sem sombreamento, como podemos observar na **Figura 6**.

41. Cf. LEÓN PORTILLA, Miguel. *El destino de la palabra: de la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética*. México: El Colegio Nacional & Fondo de Cultura Económica, 1997, p. 21.

42. Cf. MOLINA, Alonso de. *Vocabulario en lengua castellana y mexicana y mexicana y castellana*. Estudio preliminar Miguel León Portilla. 4ª. edição, México: Editorial Porrúa, 2001, p. 5v.

O número total de códices mesoamericanos é desconhecido, pois apenas parte deles encontra-se relacionada em levantamentos, nos quais constam cerca de uma dúzia de manuscritos pré-hispânicos e mais de cinco centenas de coloniais.⁴³ Entre todos esses



Figura 6: Eventos relacionados ao ano 7 Casa e ao Senhor Oito Veado no códice mixteco Zouche-Nuttall (900 – 1521 d.C.). Códice Zouche-Nuttall. Introdução e explicação Ferdinand Anders e outros. Áustria: Akademische Druck-und Verlagsanstalt & México: Fondo de Cultura Económica & Madri: Sociedad Estatal Quinto Centenario, 1992 (Códices Mexicanos II), p. 52.

manuscritos, é possível distinguir tipos de livros que versam sobre temas distintos e se organizam internamente de maneiras diferentes – algumas dessas diferenças repousam no uso predominante de distintos ciclos temporais que compunham o sistema calendário mesoamericano. Alguns dos principais tipos de códices são o *xiuhamatl* (livro da conta dos anos), o *tonalamatl* (livro da conta dos dias e do destino), o *tlacamecayoamatl* (livro de linhagens) e o *teoamatl* (livro sobre os deuses).

Embora todos esses manuscritos forneçam informações sobre a história dos povos mesoamericanos, nos interessam especialmente, nesta ocasião, aqueles que se constituem predominantemente como explicações do próprio passado, isto é, os *tlacamecayoamatl* e os *xiuhamatl*. O *xiuhamatl*, que se organizava com base na conta de 52 anos de 365 dias,

43. São considerados como pré-hispânicos os códices *Borgia*, *Cospi*, *Fejérváry-Mayer*, *Laud* e *Vaticano B*, que formam o Grupo Borgia, e os códices *Becker n.º 1*, *Bodley*, *Colombino*, *Zouche-Nuttall* e *Vindobonense*, que formam o Grupo Nuttall. Todos esses manuscritos procedem da região de Cholula, Tlaxcala e oeste de Oaxaca, da qual procede também o *Códice Selden*, parte do grupo Nuttall, mas cuja datação é controversa. Do altiplano central mexicano provêm os códices *Borbónico* e *Aubin*, dois manuscritos de formato, estilo e características tradicionais, mas cuja datação também é controversa. Os manuscritos produzidos em todas essas regiões, apesar da existência de diversas línguas, serviam-se de um mesmo sistema escriturário, relativamente distinto do maia e chamado de mixteco-nahua. Da região maia procedem mais três códices pré-hispânicos: o *Dresde*, o *Paris* e o *Madrid*, formado pelos códices *Cortesiano* e *Troano* e, por isso, chamado também de *Tro-cortesiano*.

era utilizado para registrar as histórias grupais, tidas como posse das linhagens dirigentes – cujos membros eram chamados de *pipiltin*, em nahuatl – e que, assim, funcionavam como fundamento de sua posição de destaque social. Os *tlacamecayoamatl*, mais comuns na região mixteca e na época colonial, narram as origens e ramificações de certas linhagens, o que também é feito, por vezes, com apoio da conta dos anos. Temos, portanto, em ambos os casos, formas de organização e temáticas muito aparentadas, tornando a distinção entre esses dois tipos de livros polêmica e aparentemente sem grandes utilidades analíticas.⁴⁴

No caso dos poucos manuscritos pré-hispânicos remanescentes, os únicos *xiuhamatl* e *tlacamecayoamatl* sobreviventes são procedentes da região de Oaxaca e foram confeccionados no Período Pós-clássico (900 – 1521). Esses manuscritos constituem o Grupo Nuttall, formado pelos códices *Becker n.º. 1*, *Bodley*, *Colombino*, *Zouche-Nuttall* e *Vindobonense*. Em todos eles, a temática central é composta pelas realizações das linhagens dirigentes da região mixteca, sobretudo as conquistas de outros *altepetl*⁴⁵. Em alguns deles, como no *Zouche-Nuttall* e no *Vindobonense*, a conta dos anos é parte fundamental da organização da narrativa, pois mesmo que não estejam registrados em seqüências completas e ininterruptas, como ocorre nos *xiuhamatl* nahuas coloniais, os anos são marcados à medida que a narrativa os exige. Dessa maneira, a presença dos glifos dos anos, como podemos observar assinalado com um retângulo em negro na **Figura 6**, que reproduz uma página do *Códice Zouche-Nuttall*, é fundamental para a inteligibilidade desses códices históricos, pois registra a diacronia existente entre as inúmeras representações figurativas e escritas grafadas em suas diversas e sucessivas páginas.

Sendo assim, por meio dessas histórias nativas pictográficas é possível obter uma série de informações precisas, sobretudo no que diz respeito aos nomes das personagens, às datas e aos locais mencionados, pois esses três tipos de informação constam nos três conjuntos de glifos mais bem entendidos pelos estudiosos do sistema de escrita mixteco-nahua: os glifos antroponímicos, calendários e toponímicos, expressos por meio de signos fonéticos ou ideográficos. Entretanto, o entendimento de grande parte dos outros glifos e elementos figurativos que compõem as páginas desses códices ainda está sujeito a grandes polêmicas. A principal delas diz respeito aos limites entre glifos e elementos figurativos. Em outras palavras, além das três categorias de glifos mencionadas, quais outros elementos seriam glifos sujeitos a uma leitura mais estrita – e de que tipo: fonéticos ou ideográficos? – e quais seriam figuras sujeitas a uma leitura mais ampla? Essa discussão se insere numa polêmica ainda maior: o sistema mixteco-nahua é uma escrita?

Alguns estudiosos defendem que “verdadeiras” escritas mesoamericanas teriam existido apenas na porção oriental da Mesoamérica, com os olmecas e principalmente com os maias, por se tratar de sistemas em que os glifos fonéticos são predominantes em relação aos ideográficos e às representações figurativas.⁴⁶ Esses sistemas diferenciam-se parcialmente do utilizado na porção ocidental – isto é, no centro do México e na região

44. Elizabeth Hill Boone não considera esses livros mixtecos como anais e os agrupa sobre a categoria de *res gestae* por possuírem como temática central as dinastias e seus feitos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. *Manuscript painting in service of imperial ideology*. In: BERDAN, Francis e outros (org.). *Aztec imperial strategies*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1996. pp. 181-206. No entanto, tal categorização pode ser uma complicação desnecessária e, além disso, mascarar o princípio básico de leitura dessas histórias, as quais possuem claramente a conta dos anos como estrutura organizativa básica e que, por isso, poderiam ser incluídas na categoria existente de *xiuhamatl*.

45. Termo nahuatl que pode ser traduzidos por *cidade* ou *entidade política independente*.

46. Além dos distintos sistemas de escrita, essa divisão entre oriente e ocidente da Mesoamérica também se marcaria por diferenças no registro numérico, respectivamente o posicional maia e o figurativo mixteco-nahua. Cf. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *La construcción de una visión de mundo*. Curso de pós-graduação. Instituto de Investigaciones Antropológicas – Universidad Nacional Autónoma de México, setembro de 2002 a janeiro de 2003.

zapoteca, que depois passou ao predomínio político mixteco –, no qual os glifos fonéticos não eram predominantes. Parece-nos que esta postura preconiza uma visão muito restrita do que possa ser um sistema de escrita, pressupondo que seu ideal universal seja grafar, de modo mais completo possível, os discursos de uma língua em específico, preferencialmente por meio de signos que representem os sons que a constituem. Pensamos que os sistemas de escrita podem dedicar-se a registrar visualmente elementos que não necessariamente possuem uma natureza primordialmente fonética, como categorias e conceitos. Sendo assim, respeitando-se um rol de convenções compartilhado e relativamente restrito, a leitura de registros com categorias e conceitos grafados ideograficamente pode resultar em discursos relativamente distintos – até mesmo proferidos em línguas diferentes –, mas nunca em interpretações amplamente abertas, como ocorre com as representações figurativas, para as quais, em geral, não há, por exemplo, um sentido previamente determinado para a leitura de suas partes componentes. Por tudo isso, é possível dizer que as relações entre escrita e oralidade podem ser muito mais variadas do que as que ocorrem nos sistemas fonéticos ou logográficos. Além disso, mesmo nesses sistemas, elas são sempre muito mais complexas do que pressupõe a ingênua visão que uma fala ou discurso é totalmente registrado por meio da escrita. Nenhuma escrita é capaz de grafar totalmente uma fala e, portanto, todas dependem, em algum grau, de uma tradição oral conjunta.⁴⁷

Essa utilização das escritas fonéticas como modelos dos “verdadeiros” sistemas de escrita têm produzido posturas analíticas radicais e equivocadas diante dos escritos mixteco-nahuas e, também, dos maias.⁴⁸ Talvez até com a intenção de combater a subvalorização à qual os sistemas de escrita mesoamericanos têm sido submetidos, alguns estudiosos têm assumido como pressuposto que todos os elementos presentes no sistema mixteco-nahua são estritamente fonéticos.⁴⁹ Isso termina por reforçar o juízo que um sistema visual de registro é uma “verdadeira” escrita somente quando se configura como a grafia de uma língua. Tal postura, sobretudo no caso dos escritos mixteco-nahuas, parece reduzir as enormes e pouco investigadas potencialidades dos sistemas ideográfico-fonéticos aos pressupostos de funcionamento do fonético. Além disso, é de difícil sustentação que o sistema mixteco-nahua seja totalmente, ou mesmo predominantemente, fonético, pois é mais ou menos consensual que combinava glifos fonéticos com ideográficos – estes em maior proporção – e ambos com representações figurativas.

Esse entendimento equivocado do sistema mixteco-nahua, como um rébus que notaria a expressão verbal, remonta ao último quarto do século XVI e aos trabalhos de alguns religiosos franciscanos que, desde então, promoveram a produção dos chamados *Códices Testerianos*. Nesses manuscritos, orações e outros textos cristãos em nahuatl teriam sido grafados somente por meio de representações visuais de elementos cuja

47. Cf. DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução Mirian Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva & Editora da Universidade de São Paulo, 1973 (Estudos, nº. 16).

48. No estudo dos escritos maias, certa tendência foneticista manifesta-se na tentativa de entender seus escritos focalizando apenas, ou centralmente, os glifos fonéticos e ideográficos, deixando em segundo plano as representações figurativas ou as dimensões figurativas desses glifos.

49. No caso dos códices mixteco-nahuas, um dos principais defensores dessa postura era Joaquín Galarza, quem acreditava que o sistema de escrita empregado nesses manuscritos teria servido para fixar e transcrever a língua nahuatl. Ele elaborou um catálogo ou dicionário de glifos para os *Códices Testerianos* a partir de um manuscrito que registra a oração do Pai Nosso e que, supostamente, permite a leitura de outros manuscritos desse grupo. Galarza e seu grupo de estudos também trabalharam num catálogo-dicionário que serviria para os códices nahuas em geral, no qual todas as imagens devem ser lidas foneticamente. Cf. GALARZA, Joaquín. Códices o manuscritos testerianos. In: *Arqueología Mexicana. Códices coloniales*. Direção científica Joaquín García-Bárcena e outros. México: Editorial Raíces & INAH & CONACULTA, vol. VII, nº. 38, p. 34-37, 1999. / *In amoxli in tlacatl – el libro, el hombre. Códices y vivencias*. México: Tava Editorial, 1992 (Colección Códices Mesoamericanos).

combinação dos nomes se assemelharia às palavras das tais orações e textos. Suas confecções partiram, assim, de uma premissa equivocada, pois as tradições nativas não grafavam, predominantemente, a fala por meio de glifos com valores exclusivamente fonéticos – o que não significa dizer que tal recurso não fora utilizado pelas tradições de escrita locais.⁵⁰ No entanto, o uso de glifos fonéticos no sistema mixteco-nahua não se dava como em uma escrita rébus, visto que os glifos silábicos eram, preponderantemente, empregados na forma de prefixos ou sufixos – como o de *tetl* (*pedra*) para *te* (*alguém* ou *alguns*) e o de *pantli* (*bandeira*) para *pan* (*em cima*) – ou para representar sons – como *acatl* (*junco*) para o som da letra “a”, *etl* (*feijão*) para o da letra “e” e *otli* (*caminho*) para o som da letra “o”.⁵¹

Buscando superar polaridades do tipo escritas “verdadeiras” *versus* “falsas”, vários outros pesquisadores tratam as inscrições mixteco-nahuas como produtos de uma escrita particular, com suas próprias limitações e vantagens.⁵² Partindo de uma concepção mais ampla de escrita e entendendo que as diferenciações entre os sistemas relacionam-se mais com preferências de ordem visual, propósitos políticos ou usos sociais do que com supostas forças evolutivas foneticistas intrínsecas aos sistemas de escrita, tais estudiosos procuram compreender a gramática, a semântica e a lógica próprias dos registros pictográficos mixteco-nahuas⁵³, interpretando suas partes dentro de um todo maior formado pelo texto, pelo próprio sistema e pela sociedade que os empregava para fins e em situações muito particulares.⁵⁴ Dessa forma, analisam as técnicas e práticas de transmissão oral e de escrita indígena de modo positivo, isto é, procurando compreender suas capacidades e recursos específicos, bem como seus empregos na constituição de discursos socialmente estabelecidos e que operavam no interior de marcos institucionais que definiam, em parte, seu funcionamento e seus objetivos.⁵⁵

Essa postura analítica vem produzindo resultados consistentes no estudo dos manuscritos mixteco-nahuas, sobretudo quando utiliza a comparação entre os diversos tipos de escritos – códices pré-hispânicos, códices coloniais e textos alfabéticos –, mostrando a possibilidade de um manuscrito esclarecer a outro e apontando para o acerto metodológico de se analisar as imagens de maneira contextualizada, isto é, como entidades que significam dentro de um texto que se serve de codificações bem estabelecidas. Entre tais resultados podemos mencionar os obtidos pelos estudos dos códices do Grupo Nuttall

50. A obra do frei Valdés de 1579, *Rethorica christiana*, testemunharia a autoria franciscana do projeto que produziu esses escritos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. Pictorial documents and visual thinking in Postconquest Mexico. In: BOONE, Elizabeth Hill & CUMMINS, Tom (ed.). *Native traditions in the postconquest world. A symposium at Dumbarton Oaks – 2nd through 4th October 1992*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1998. pp. 149-199.

51. Cf. ALCINA FRANCH, José. *Códices mexicanos*. Madri: Editorial Mapfre, 1992 (Colección Lenguas y Literaturas Indígenas / Colecciones Mapfre 1992).

52. Entre essas vantagens, estaria, por exemplo, o fato de falantes de diversas línguas, como o nahuatl, otomie, totonaco, cuicateco, chocho, mixteco, zapoteco e tlapaneco, poderem compartilhar um mesmo sistema.

53. Cf. BROTHERSTON, Gordon. Traduzindo a linguagem visível da escrita. In: *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH da Universidade de São Paulo, nº 4, pp. 78-91, 1999.

54. Elizabeth Hill Boone propõe que uma definição mais ampla de escrita deva envolver não só os manuscritos do México Central e de Oaxaca, mas também os quipos andinos. Cf. BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and black – pictorial histories of the Aztecs and Mixtecs*. Austin: University of Texas Press, 2000.

55. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *Las fuentes indígenas: más allá de la dicotomía entre historia y mito*. <www.fflch.usp.br/dh/ceveh/public_html/biblioteca/artigos/FN-P-A-historiaymito.html> – consultado em 9/12/2000.

sobre os reinos e as linhagens mixtecas,⁵⁶ sobre a migração mexicana⁵⁷ ou sobre os povos chichimecas⁵⁸, além dos inumeráveis estudos sobre os códices e estelas maias.⁵⁹ Além disso, a possibilidade de os estudos com as fontes pictográficas se juntarem aos estudos das representações em monumentos e em peças arqueológicas, ou ainda aos estudos etnográficos, abre toda uma nova série de possibilidades de pesquisa ainda por se realizar.⁶⁰

III – Fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos ou pictográficos

Esse grupo é constituído por textos pictográficos, alfabéticos ou híbridos que foram produzidos em tempos coloniais por membros das sociedades nativas – ou vigorosamente influenciados por eles – e que tratam centralmente de estabelecer explicações sobre o passado dessas sociedades. Entre os grupos de fontes que temos tratado, é, seguramente, o mais amplo e heterogêneo. Isso porque, apesar de possuir a temática histórica em comum, seus componentes constituem-se por escritos tão diversos quanto: códices pictográficos tradicionais produzidos depois da chegada dos europeus; códices encomendados por ou confeccionados sob a direção de autoridades civis e religiosas castelhanas, em geral constituídos por registros pictográficos acompanhados de textos ou glosas alfabéticas de caráter explicativo; textos alfabéticos em línguas nativas que transcrevem códices, quipos ou depoimentos e que foram produzidos diretamente ou com o auxílio de membros das sociedades locais; textos em castelhano ou outra língua europeia que reproduzem explicações nativas; escritos de caráter legal ou administrativo que também apresentem

56. Por exemplo: CASO, Alfonso. *Reyes y reinos de la mixteca*. 2a. reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1992. / JANSEN, Maarten. Un viaje a la casa del sol. In: *Arqueología Mexicana. Códices prehispánicos*. Direção científica Joaquín García-Bárcena e outros. México: Editorial Raíces & Instituto Nacional de Antropología e Historia & Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, vol. IV, nº. 23, pp. 44-49, 1997.

57. Por exemplo, NAVARRETE LINARES, Federico. *Mito, historia y legitimidad política: las migraciones de los pueblos del Valle de México*. Tese de doutoramento. Orientador Alfredo López Austin. México: Facultad de Filosofía y Letras – Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.

58. Por exemplo, BROTHERSON, Gordon. *Grupos Chichimecas*. Curso de extensão universitária. Instituto de Investigaciones Antropológicas – Universidad Nacional Autónoma de México, 18 a 22 de novembro de 2002.

59. Entretanto, ainda há muitos estudiosos que negam terminantemente a possibilidade de estudo dos povos mesoamericanos por meio de seus próprios escritos, sobretudo dos pictográficos: “*As inscrições mesoamericanas, por mais sofisticadas que sejam, não foram inteiramente decifradas e são de pouca valia para empreender uma reconstituição histórica.*” Em decorrência dessa postura, previamente negativa, só nos restaria recorrer aos textos alfabéticos e, preferencialmente, aos produzidos pelos europeus: “*Tudo o que sabemos sobre as civilizações antigas procede, desta forma, dos conquistadores europeus.*” BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo. Da descoberta à conquista uma experiência europeia (1492 – 1550)*. Tradução Cristina Muracho. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. p. 16. Michel Graulich parece concordar com essa posição, pois em um de seus mais importantes estudos afirma que a obra de Sahagún é a mais completa para se estudar o mundo mesoamericano e que outras fontes, como os códices *Vaticano A*, *Borbónico* e *Magliabechiano* são pobres: “*Si cito el Códice borbónico en último lugar es porque, como todo códice prehispánico, no es inteligible más [que] a la luz de las informaciones provenientes de las fuentes escritas.*” A expressão entre colchetes foi inserida por mim. GRAULICH, Michel. *Mitos y rituales del México antiguo*. Tradução Angel Barral Gómez. Madri: Ediciones Istmo & Colegio Universitario, 1990 (Artes, Técnicas y Humanidades, nº. 8). p. 310.

60. Em outra ocasião, fizemos um balanço das maneiras como os manuscritos mixteco-nahuas vêm sendo empregados pelos estudiosos nas últimas quatro ou cinco décadas. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. Usos historiográficos dos códices mixteco-nahuas. In: *Revista de História. Departamento de História, FFLCH-USP*. São Paulo: Humanitas & Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, nº. 153, pp. 69-115, segundo semestre de 2005.

versões indígenas sobre o passado, tais como livros paroquiais, petições de revisão de privilégios, pleitos judiciais e outros documentos.

Andinas

Há várias formas de subdividir em grupos menores as heterogêneas fontes históricas nativas andinas produzidas em tempos coloniais: segunda a época de produção, a região de origem, o status étnico-social de seu autor e o tipo ou função do escrito, entre outros critérios. Um dos mais conhecidos levantamentos dos escritos históricos coloniais andinos foi feito por Franklin Pease na obra *Las crónicas y los Andes*. Esse autor trata tanto dos escritos produzidos por membros das sociedades andinas quanto dos confeccionados por castelhanos e outros europeus sobre elas. Também não se restringe aos escritos que possuem a história nativa como temática central. Pease organiza a apresentação dos escritos em blocos cronológicos, que se marcariam pelas diferenças de contextos políticos existentes na região dos Andes Centrais ao longo dos séculos XVI e XVII.

Essa forma de agrupar tais escritos revela uma preocupação do autor que deve ser levada em conta na leitura e análise desses textos: o grande peso dos diferentes conjuntos de demandas e horizontes políticos que estavam em jogo em cada um desses momentos históricos, conformados por forças oriundas das sociedades nativas e do mundo cristão e castelhano.⁶¹ Em outras palavras, tais obras devem ser entendidas como produções que refletem tensões oriundas das diversas fases de transformações radicais pelas quais passaram os Andes Centrais desde a conquista castelhana, e não como se todo o Período Colonial se caracterizasse por um arranjo constante de forças políticas e estabelecido desde o seu início.⁶² Esse problema, aparentemente simples e superado, deve ser uma preocupação central para a análise desses relatos, pois, em muitos casos, a riqueza de suas informações pode funcionar como um atrativo para que o estudioso se prenda

61. Os conjuntos de textos propostos são: 1 – relatos produzidos na década de 1530; caracterizados por focalizarem centralmente a conquista e as dificuldades nos contatos e traduções; composto por *Verdadera relación de la conquista del Perú*, de Francisco López de Xerez, e *Noticia del Perú*, de Miguel Estete; 2 – crônicas produzidas entre 1540 e 1570; caracterizadas por serem mais minuciosas e pelas aproximações aos incas e sua cultura, inclusive por meio da participação de indígenas bilíngües, de informações provenientes de *quipucamayocs* e de espanhóis que falavam quíchua; composto por *Informaciones*, de Cristóbal Vaca del Castro, *Crónica del Perú*, de Pedro de Cieza León, *Suma y narración de los incas* de Juan Diez de Betanzos, *Vocabulario de la lengua general del Perú*, de Domingos de Santo Tomás, além de obras de burocratas, como Juan de Matienzo e Polo de Ondegardo; 3 – escritos da década de Francisco de Toledo ou anos 1570; caracterizados pelas influências desse vice-rei; composto por *Instrucción del Ynga don Diego de Castro Titu Cusi Yupangui*, de Titu Cusi Yupanqui, e levantamentos de informações, como os de Sarmiento de Gamboa; 4 – escritos produzidos entre o fim do século XVI e o início do XVII; caracterizados pelos trabalhos missionários e pela extirpação de idolatrias; composto por *Nueva corónica y buen gobierno*, de Felipe Guamán Poma de Ayala, *Relación de antigüedades deste reino del Pirú*, de Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua, *Comentarios reales*, de Garcilaso de la Vega, e pelo *Manuscrito de Huarochiri*, compilado por Francisco de Ávila.

62. Ao analisarmos os escritos de Guamán Poma de Ayala e Joan de Santa Cruz, por exemplo, é fundamental levarmos em conta que eles são nobres nativos que aprenderam, sob influência monástica, a escrever em castelhano e quíchua. Também, que fazem apologia das nobrezas locais, com raízes incas ou pré-incas, no contexto de seu rebaixamento pós-toledano, e combinam a história local com a história universal cristã, fazendo críticas aos reinos cristãos. Não se trata, portanto, de cronistas nativos fossilizados, mas de vozes marginais em relação a um *establishment* rico em literatura em quíchua geral e que produzirá sermões barrocos e poesia devocional nesse idioma, as quais desempenharão um papel fundamental na construção da idealização de uma nação inca precoce, que marcará a produção de escritos posteriores, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII. Cf. SALOMON, Frank. Testimonies: The making and reading of native south american historical sources. In: SALOMON, Frank & SCHWARTZ, Stuart (ed.). *The Cambridge history of the native peoples of the Americas. Volume III. South America. Part 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. pp. 19-96.

exclusivamente ao universo interno do escrito ou, ainda, que tente solucionar o problema apenas citando o contexto de produção e uso da obra, sem, no entanto, levá-lo realmente em conta no momento de realizar a análise.

Um levantamento mais recente dos escritos históricos coloniais andinos foi produzido por Frank Salomon e intitula-se *Testimonies: The making and reading of native south american historical sources*, mencionado na última nota de rodapé. Esse levantamento se difere do proposto por Pease por ter como meta principal tratar das fontes nativas que apresentam versões do passado e, desse modo, não inclui os relatos europeus sobre a conquista – a não ser nos casos em que eles reproduzem relatos ou informações históricas de origem indígena – e incorpora fontes de caráter legal ou administrativo. Além disso, propõe uma agrupação dos escritos que não se pauta primordialmente na simples datação de suas produções, mas no tipo de ambiente ou instituição relacionada a essa produção e no grupo social ao qual o autor – ou informante – do escrito estaria vinculado.

O primeiro grupo de fontes proposto por Salomon é composto pelos testemunhos orais incorporados em crônicas ibéricas, ou seja, por relatos oriundos de contatos com a nobreza inca. São, nas palavras do autor, histórias indígenas emolduradas pelo tema da vitória castelhana. Desse grupo, fazem parte as obras de Juan de Betanzos e Cieza de León, além dos escritos dos oficiais de Toledo, como Juan de Matienzo e Juan Polo de Ondegardo. O segundo grupo é formado pelos escritos produzidos pelo governo civil, nos quais constam muitos testemunhos nativos. Trata-se de uma massa documental gerada pela burocracia civil, tais como cartas de líderes nativos, demandas e processos judiciais e pedidos de nobilitação, além das *relaciones geográficas*. O terceiro grupo é composto por escritos relacionados à Igreja, muitos dos quais também contêm testemunhos nativos. Esse grupo compensaria a pouca atenção dos funcionários estatais ao pensamento nativo, além de cobrir regiões distantes dos centros urbanos e administrativos dos Andes Centrais. É constituído predominantemente pelos escritos oriundos da ação missionária de eliminação da idolatria, sobretudo a partir de meados dos anos 1560, tais como os textos que contêm depoimentos dos participantes do movimento Taki Onqoy, o *Manuscrito de Huarochirí* e os relatos das *visitas*⁶³ e dos extirpadores de idolatria do século XVII. Além de textos relacionados indiretamente à extirpação, como as cartas anuais dos jesuítas, os registros de campo, os catecismos, os vocabulários, as biografias e os papéis sobre disputas entre as ordens religiosas. O último conjunto é composto por relatos produzidos, ou fortemente influenciados, por autores nativos e que retrataria a curta produção de uma historiografia nativa dissidente, que pretendia explicar a Europa dentro da história andina. Esse conjunto caracteriza-se tanto pela utilização de conceitos oriundos do mundo andino quanto pela incorporação de formas literárias e historiográficas européias e de conceitos cristãos – como *idolatria*. Desse grupo fariam parte as obras de Titu Cusi Yupanqui (*Ynstruccion del Ynga*, 1570), de Garcilaso de la Vega (*Comentarios reales*, 1609), de Blas Valera (*Costumbres antiguas del Perú*, década de 1580), de Diego Lobato de Sosa (manuscrito ainda não encontrado), de Guamán Poma de Ayala (*Nueva corónica y buen gobierno*, 1615) e de Joan de Santa Cruz Pachacuti Yamqui Salcamaygua (*Relación de Antigüedades deste reyno del Piru*, anterior a 1613).

Todos esses quatro grupos, especialmente o último, se encaixam de modo mais ou menos integral no conjunto que estamos denominando *fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos*. Em todo esse conjunto de escritos andinos, não temos,

63. Por exemplo: *Visita de la provincia de León de Huánuco en 1562. Iñigo Ortiz de Zúñiga, visitador. Tomo I. Visita de las cuatro waranqa de los chupachu*. Edição de John V. Murra. Ensaios de Robert McK. Bird e outros. Paleografia de Domingo Angulo e outros. Huánuco: Universidad Nacional Hermilio Valdizan – Facultad de Letras y Educación, 1967 (Documentos para la Historia y Etnología de Huánuco y la Selva Central, tomo I).



Figura 7: Página de abertura da *Nueva corónica y buen gobierno*, de Guamán Poma de Ayala (1615). <http://www.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

fatores, às profundas transformações que seguramente estiveram presentes no processo de adaptação de gêneros nativos de explicação do passado para gêneros não-nativos – como a *crónica*, a *historia* ou a *relación* –, ou as envolvidas no processo de trasvase de registros provenientes de um sistema não-alfabético ou de relatos orais para o texto alfabético. Diante dessas transformações, temos a ausência de versões pré-hispânicas andinas acerca do próprio passado ou a pouca compreensão dos registros nativos tradicionais remanescentes. Desse modo, não podemos comparar versões pré-hispânicas com coloniais para entendermos – e, assim, termos certo controle sobre – as transformações envolvidas nesses processos. Mesmo assim, podemos supor com certa segurança que a transposição colonial de relatos mantidos oralmente – pelas *panaqas* incas, por exemplo – ou registrados em representações figurativas e escritas – como os quipos – foi um processo caracterizado mais pela recriação de versões sobre o passado do que pela transcrição das versões existentes.

aparentemente, problemas básicos de entendimento de suas mensagens, pois sua reabilitação estaria supostamente garantida pelo uso da escrita alfabética, embora essa pressuposição possa ser enganosa, pois algumas dessas fontes apresentam discursos visuais em paralelo com os alfabéticos, como ocorre nas obras de Santa Cruz Pachacuti e de Guamán Poma de Ayala, que tem a sua página de abertura, que apresenta texto e imagem, reproduzida na **Figura 7**.

Apesar dessa relativa facilidade de entendimento inicial, a análise e a interpretação desses textos enfrentam problemas para, por exemplo, separar quais de seus conteúdos ou estruturas narrativas⁶⁴ são de origem andina ou cristã e para compreender como foram articulados. Isso se deve, entre outros

64. Expressão que designa a maneira pela qual as partes de uma composição textual estão articuladas entre si.

Essas recriações, além de caracterizadas por profundas transformações formais, também estavam sujeitas às demandas políticas coloniais, que eram distintas em cada momento histórico e em cada região ou grupo social e que, desse modo, não devem ter suas particularidades subestimadas nas análises desses textos.⁶⁵ Isso não significa que as fontes históricas andinas coloniais em textos alfabéticos sejam representativas apenas das demandas políticas e estruturas narrativas de origem cristã. Ao contrário, estão plenas de concepções andinas, mais ou menos transformadas, dependendo da época e ambiente onde foram produzidas. Tanto que outro grande problema de análise desse material tem sido a centralidade explicativa desempenhada por conceitos e concepções andinas de difícil compreensão, tais como as idéias de ancestralidade, de tempo, de espaço, de transformação e outras, expressas em termos como *hanan*, *hurín*, *runa*, *pachacuti*, *huaca*, *malqui* e outros.⁶⁶ Veremos abaixo que problemas muito semelhantes estão presentes no entendimento e interpretação das fontes históricas nativas coloniais mesoamericanas.

Mesoamericanas

As histórias nativas mesoamericanas coloniais fazem parte de um grande conjunto de manuscritos, formado por escritos mais diversos e numerosos ainda que os andinos. São centenas de manuscritos que utilizam dois sistemas de escritura de maneira isolada ou combinada: o pictoglífico, que contou com uma continuidade decrescente até pelo menos o final do século XVII, e o alfabético.⁶⁷

O principal levantamento e classificação dos manuscritos pictoglíficos foi realizado por John B. Glass e Donald Robertson e é parte do volume catorze do *Handbook of Middle American Indians*.⁶⁸ Nele, os manuscritos coloniais encontram-se subdivididos segundo o maior ou menor grau de relação com as demandas castelhanas e, também, segundo sua temática e região de procedência. Sendo assim, são divididos em: coloniais nativos, patrocinados por espanhóis e coloniais mistos. A essa classificação, sobrepõe-se duas outras categorizações: segundo a região de procedência e segundo o tema, que divide os manuscritos em rituais-calendários, históricos, genealógicos, cartográficos, cartográfico-históricos, econômicos, etnográficos e miscelâneas.

Entre as cinco centenas de manuscritos pictoglíficos coloniais catalogados nesse levantamento – chamados de códices coloniais –, há desde exemplares com material, formato e temática tradicionais, relacionados principalmente ao sistema mixteco-nahua, até manuscritos que apresentam fortes influências da pintura, da escrita e da encadernação

65. Por exemplo, não sabemos ao certo se os relatos andinos coloniais que estabelecem a sucessão cronológica de doze incas, como o de Guamán Poma de Ayala, correspondem a explicações andinas anteriores ou a uma recriação colonial baseada nas histórias das monarquias européias. Isso porque há indícios que o governo do Tahuantinsuyu seria formado por uma diarquia e, assim, alguns dos incas relacionados sucessivamente nos relatos coloniais teriam, na verdade, governado conjuntamente. Uma das principais defensoras dessa idéia é ROSTWOROWSKI DE DIEZ CANSECO, María. *Historia del Tahuantinsuyu*. 3a. edição, Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1988 (Historia Andina 13).

66. Tratamos de alguns desses conceitos em outra ocasião: SANTOS, Eduardo Natalino dos. As tradições históricas indígenas diante da conquista e colonização da América: transformações e continuidades entre nahuas e incas. In: *Revista de História. Departamento de História, FFLCH-USP*. São Paulo: Humanitas & Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, n.º. 150, pp. 157-207, 1o. semestre de 2004.

67. Segundo Lockhart, esses dois sistemas se auto-suportam e competem nos manuscritos coloniais do centro do México, mas há, sem dúvida, uma progressiva vitória do alfabético e o conseqüente desaparecimento do pictoglífico. Cf. LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest. A social and cultural history of the indians of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

68. Mais especificamente, em duas seções desse volume: *A survey of native Middle American pictorial manuscripts* e *A census of native Middle American pictorial manuscripts*, entre as páginas 3 e 252.

européias. No primeiro caso estariam códices como o *Borbónico*, o *Tonalamatl Aubin* e a *Tira de la peregrinación*; no segundo, entre muitos outros, estariam os códices *Magliabechiano* e *Vaticano A*, que apresenta a clássica interação colonial entre os sistemas



Figura 8: Articulação entre glifos, representações figurativas e texto alfabético no *Códice Vaticano A*. Introdução e explicação Ferdinand Anders e Maarten Jansen. Áustria: Akademische Druck-und Verlagsanstalt & México: Fondo de Cultura Económica, 1996 (*Códices Mexicanos XII*). p. 7v.

pictográfico e alfabético, como podemos observar na **Figura 8**, que reproduz uma de suas páginas.

Muitos desses códices coloniais são *xiuhamatl* (anais), que incorporam, em distintos graus, demandas relacionadas aos enfrentamentos e horizontes políticos deste período, mesmo quando parecem não fazê-lo e manter o estilo e a organização típicos da Mesoamérica.

Este é o caso, por exemplo, da primeira parte do *Códice Mendoza*, que registra a história mexicana desde a fundação de México-Tenochtitlan com base na conta dos anos; mas, ao fazê-lo, produz uma narrativa

“limpa” de elementos que poderiam ser considerados idolátricos, pois o manuscrito seria enviado para o rei de Espanha. Alguns dos mais importantes códices com conteúdo histórico produzidos

no Período Colonial são: o *Aubin*, a parte final do *Vaticano A*, o *Azoyú n.º 1*, a *Tira de la Peregrinación*, a primeira parte do *Mendoza*, o *Selden*, o *Becker n.º 2*, o *Rolo Selden* e a *Historia tolteca chichimeca*, entre outros. Infelizmente não temos códices pictográficos coloniais maias remanescentes e todos os que foram mencionados servem-se do sistema mixteco-nahua e provêm da região do altiplano central mexicano, Oaxaca e Ocidente de México.

Entre esses códices históricos coloniais mixteco-nahuas, os mais tradicionais estão sujeitos aos mesmos problemas de entendimento que os pré-hispânicos, tratados na segunda parte deste artigo, e que centralmente se relacionam com o entendimento da escrita mixteco-nahua e com a complexa articulação entre elementos glíficos e figurativos. No caso dos manuscritos híbridos, surge o problema e, ao mesmo tempo, a vantagem adicional da presença de glosas ou explicações grafadas com o alfabeto latino. Vantagem, pois tais glosas e explicações têm sido as grandes “chaves” de decifração do sistema mixteco-nahua. Problema, pois ao analisar tais manuscritos não podemos tomar a relação entre os dois tipos de textos como uma transcrição ou tradução simples, total e pretensamente objetiva.⁶⁹ Trata-se de um complexo processo de adaptação, sempre pautado por interesses institucionais ou pessoais, os quais se vinculam diretamente a demandas políticas e contextos históricos específicos, sem os quais os conteúdos, as seleções temáticas e os objetivos de produção e uso desses manuscritos são ininteligíveis. O mesmo tipo de problema aparece nos escritos alfabéticos, como veremos abaixo.

No caso dos textos alfabéticos nativos, o principal balanço e proposição de classificação – que também inclui escritos de autoria castelhana que tenham sido fortemente influenciados pelas tradições de pensamento e escrita locais⁷⁰ – também se encontra no *Handbook of Middle American Indians*, em seu volume quinze, e foi composto por Charles Gibson e John B. Glass.⁷¹ São cento e oitenta e oito textos divididos primordialmente por região de procedência – norte e ocidente do México, México central, terras baixas maias e terras altas maias.

Muitos desses textos possuem origem em anais pictográficos mesoamericanos e em outros tipos de livros nativos de temática histórica. Algumas dessas histórias nativas coloniais encontram-se nos seguintes manuscritos: *Relación de Michoacan*; *Crónica mexicayotl*, de Tezozomoc; *Cantares mexicanos*; *Historia de los mexicanos*, de Cristóbal de Castillo; *Relaciones* e *Diario*, de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin; *Códice Chimalpopoca*, composto pela *Leyenda de los soles* e *Anales de Cuauhtitlan*; *Relaciones*, de Alva Ixtlilxochitl; *Historia de los mexicanos por sus pinturas*; *Histoire du Mechique*; *Historia de Tlaxcala*, de Diego Muñoz Camargo; *Primeros memoriales*; *Códice matritense*; *Historia tolteca-chichimeca*; *Ritual de los Bacabs*; *Libros de Chilam Balam*; *Crónica de Mani*; *Relación de las cosas de Yucatán*, de Diego de Landa; *Anales de los Cakchiqueles* ou *Memorial de Sololá*; *Popol vuh*; *Títulos de los señores de Totonicapán*.

69. Em minha dissertação de mestrado, apresentei casos em que alunos e informantes indígenas dos religiosos castelhanos que produziram *historias* sobre a Mesoamérica participavam da produção de escritos alfabéticos ou pictográficos que adaptavam e selecionavam certos conteúdos a partir do universo de saberes e registros nativos para satisfazer as demandas missionárias. Cf. SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México indígena. Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo, Editora Palas Athena, 2002.

70. Como o famoso *Códice Florentino*, manuscrito com textos em nahuatl e castelhamo e com ilustrações, produzido na segunda metade do século XVI, no altiplano central mexicano, por Bernardino de Sahagún e por seus alunos e informantes indígenas a partir de informações oriundas de diversos outros manuscritos, alguns mais antigos e outros confeccionados por essa mesma equipe de indígenas nahuas.

71. Mais especificamente, em duas seções desse volume: *Prose sources in the native historical tradition* e *A census of native Middle American prose manuscripts in the native historical tradition*, entre as páginas 311 e 400.

Quase todos esses manuscritos apresentam uma característica em comum: às formas narrativas e conteúdos tradicionais selecionados e transformados pelas demandas políticas, adicionavam-se ou sobrepunham-se formas narrativas e temáticas de origem européia e cristã. É o que ocorre, por exemplo, com os títulos primordiais – como os *Títulos de los señores de Totonicapán*, das terras altas maias –, que evocam a cosmogonia e a história local para recolocá-las diante da nova ordem colonial e obter o reconhecimento de direitos de posse de territórios

Apesar das enormes particularidades formais e dos contextos de produção e uso dessas histórias nativas coloniais, sejam pictográficas, alfabéticas ou híbridas, é possível agrupá-las em dois grandes tipos, os quais, ao que parece, refletem a existência de dois momentos na história colonial das tradições nativas de pensamento e escrita.

O primeiro tipo é composto pelos manuscritos que recontam a história local e, em muitos casos, incorporam os eventos coloniais. Nestes casos, trata-se centralmente de tornar a história local inteligível aos estrangeiros, de suprimir alguns dos principais focos de confrontos político-ideológicos – como as antigas cerimônias – e de reafirmar a importância da história local para a manutenção da posição de destaque das elites dirigentes, tanto dentro da sociedade nativa quanto em suas relações com as instituições castelhanas. Os manuscritos desse grupo, como os códices *Mendoza* e *Vaticano A*, são predominantemente pictográficos com glosas ou híbridos e foram produzidos, no caso do altiplano central mexicano, principalmente até o último quartel do século XVI. Em outras regiões, de contato menos intenso com as instituições e presença castelhanas, eles continuam a ser feitos por muito mais tempo.

O segundo tipo é composto pelos manuscritos que inserem a história local na história universal cristã ou as relacionam de modo vigoroso. Nestes casos, parece que não se trata mais de apenas tornar a história local inteligível aos estrangeiros ou de “limpá-la” das supostas idolatrias, mas de reafirmar sua validade – mantendo, por vezes, características típicas dos *xiuhamatl* mesoamericanos, como a precisa conta dos anos sazonais – no interior de um quadro mais amplo, formado pela história universal e teleologia de cunho predominantemente cristão. Para isso, paralelamente à manutenção de estruturas narrativas e temas tipicamente mesoamericanos – como as conquistas das elites dirigentes de um *altepetl* sobre outros –, se operam profundas transformações na história local, identificando ou relacionando diretamente alguns de seus episódios ou personagens a correspondentes do Velho Mundo – como o dilúvio universal, os gigantes do Antigo Testamento e os apóstolos de Cristo. Exemplos desse tipo de história, predominantemente alfabéticas, são as obras de Fernando de Alva Ixtlilxochitl e de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, produzidas na passagem do século XVI para o século XVII.⁷²

Apesar dessas profundas transformações, diversas características da tradição histórica nahua continuaram quase onipresentes em seus registros pictográficos, alfabéticos e híbridos durante o Período Colonial: 1 – a utilização de um preciso e complexo sistema calendário como elemento central na organização intelectual das explicações acerca do passado; 2 – a localização da época atual após uma seqüência de eras ou idades, cujos inícios e finais teriam sido marcados por criações e destruições cósmicas parciais; 3 – a

72. Parece que esses dois tipos de histórias nativas coloniais, relacionados a dois momentos distintos na história das tradições de pensamento e escrita que as produziram, podem ser relacionados às duas primeiras fases de mudança propostas por James Lockhart para o idioma nahuatl após a chegada dos castelhanos. Essas fases seriam: de 1519 a 1540-50, na qual o nahuatl praticamente não apresenta mudanças; de 1540-50 a 1640-50, caracterizada pelo uso de termos castelhanos em uma linguagem que permanece inalterada em outros aspectos; e de 1640-50 aos dias de hoje, marcada pela influência espanhola derivada do bilingüismo, que se relaciona com o incremento da frequência e intensidade do contato. Cf. LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest. A social and cultural history of the indias of Central Mexico, sixteenth through eighteenth centuries*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992.

centralidade temática do *altepeltl* e seus *pipiltin* nas narrativas acerca do passado mais recente. Dessa forma, essas fontes, especialmente quando comparadas às pré-hispânicas ou aos códices coloniais tradicionais, podem oferecer um rico conjunto de informações sobre o pensamento histórico nahua e mixteco no Período Colonial, seja para compreendermos as continuidades e transformações em relação aos conceitos e formas de origem pré-hispânica ou para entendermos as criações nativas deste período.⁷³

Palavras finais

Pudemos ver que alguns dos principais problemas de entendimento e interpretação relacionados ao grupo que chamamos de *fontes históricas pré-hispânicas figurativas ou de leitura ampla* são: 1 – o desconhecimento do contexto de produção e uso de muitas dessas representações, sobretudo das portáteis, como vasos cerâmicos pintados, esculturas, pequenos gravados e outros; 2 – a tendência de universalizar ou essencializar significados de determinadas formas ou representações, subestimando seu valor em uso, o modo de apropriação dos objetos e dos signos em contextos e situações sociais específicos; 3 – a projeção retrospectiva de informações oriundas de contextos mais recentes, principalmente do primeiro século do Período Colonial, a períodos extremamente longínquos da história pré-hispânica.

Vimos também que a esses problemas, no caso do grupo que denominamos de *fontes históricas pré-hispânicas escritas ou de leitura estrita*, podem se somar os seguintes: 1 – a eventual incompreensão do código e das convenções do sistema escriturário empregado, principalmente no caso dos sistemas olmeca, zapoteca e teotihuacano, mas também no caso dos quipos andinos, especificamente no que diz respeito ao possível registro de informações não-numéricas ou não-categóricas; 2 – a utilização de conceitos de escrita baseados no funcionamento dos sistemas fonéticos diante dos escritos mixteco-nahuas e, também, dos maias, o que tem resultado em posturas analíticas negativas ou equivocadas.

Vimos ainda que além de todas essas dificuldades, no caso dos registros que denominamos *fontes históricas nativas coloniais em textos alfabéticos ou pictográficos*, podem emergir os seguintes problemas: 1 – a subestimação analítica dos distintos conjuntos de demandas e horizontes políticos que estavam em jogo em cada um dos diferentes momentos históricos do Período Colonial; 2 – a dificuldade de separar e compreender, principalmente no caso andino, a origem dos conteúdos e estruturas narrativas dos textos alfabéticos, o que se deve, entre outros fatores, à presença de profundas transformações no processo de adaptação de gêneros nativos para não-nativos ou no processo de trasvase de registros provenientes de sistemas não-alfabéticos ou de relatos orais para textos alfabéticos; 3 – a dificuldade de compreender profundamente as concepções andinas e mesoamericanas de tempo, espaço, transformação, ancestralidade e outras, as quais desempenham papéis centrais nas explicações nativas sobre o próprio passado.

Esse conjunto de problemas, enfrentado pelo estudioso que procura analisar essas fontes, relaciona-se diretamente não a uma, mas a uma série de disciplinas acadêmicas, muitas das quais agrupadas sob a denominação de Ciências Humanas. Por exemplo, de modo predominante, o estudo do contexto de produção das representações figurativas pré-

73. Tratamos de algumas dessas continuidades e transformações nas explicações históricas nahuas sobre o passado em SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Calendário, cosmografia e cosmogonia nos códices e textos nahuas do século XVI*. Tese de doutorado. Orientadora Janice Theodoro da Silva. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2005.

hispânicas tem sido tarefa dos arqueólogos, a tentativa de estabelecer significados possíveis para representações figurativas tem sido trabalho dos historiadores da arte, a busca de compreensão dos escritos pictográficos mixteco-nahuas ou maias tem sido empreendida por lingüistas e antropólogos e o entendimento dos contextos coloniais de transformação das escritas mesoamericanas tem ficado a cargo dos historiadores.

Sendo assim, a superação desse conjunto de problemas dificilmente será realizada apenas pelos profissionais de uma disciplina. Ela só poderá vir da proposição de estudos e pesquisas que envolvam as várias disciplinas envolvidas nos estudos dessas fontes. Todas elas, para usar a metáfora que Braudel tornou famosa, são observatórios importantes e distintos, que olham para uma mesma realidade e que produzem fragmentos que não se encaixam, pois o homem é diferente em cada observatório e quer promover seu setor ao patamar de panorama geral.⁷⁴ A solução, ainda seguindo as proposições de Braudel, é a construção de patamares de atuação comum – como vocabulários conceituais, que ajudariam a superar discussões do tipo o que é *pintura* e o que é *escrita* para cada uma das disciplinas? – que embasem pesquisas coletivas, as quais, mais do que usar a disciplina vizinha para a solução de problemas típicos de uma área, deveriam partir de problemas interdisciplinares. Seríamos capazes – historiadores, arqueólogos, lingüistas, antropólogos e outros profissionais – de realizar uma pesquisa voltada, por exemplo, a entender as continuidades e transformações nas explicações históricas dos maias do Iucatã, desde o século V até o XIX, e o seu papel nas permanências e mudanças nos modos como os grupos concebem suas identidades étnicas e dispõem suas habitações?

Muitos são os obstáculos para a aproximação entre as diversas disciplinas que estão envolvidas, ou poderiam se envolver, no estudo e análise das fontes históricas nativas pré-hispânicas e coloniais. Talvez eles sejam mais de natureza político-institucional do que teórica. No entanto, parece que apenas superando-os é que poderemos avançar significativamente no entendimento das representações e escritos que compõem esse conjunto de fontes.

74. Cf. BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. Tradução Rui Nazaré. 5ª. edição, Lisboa: Editorial Presença, 1986 (Biblioteca de Textos Universitários, 46).